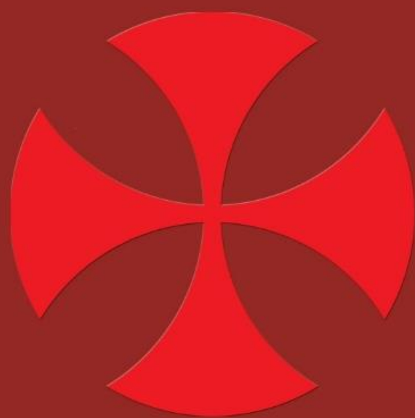


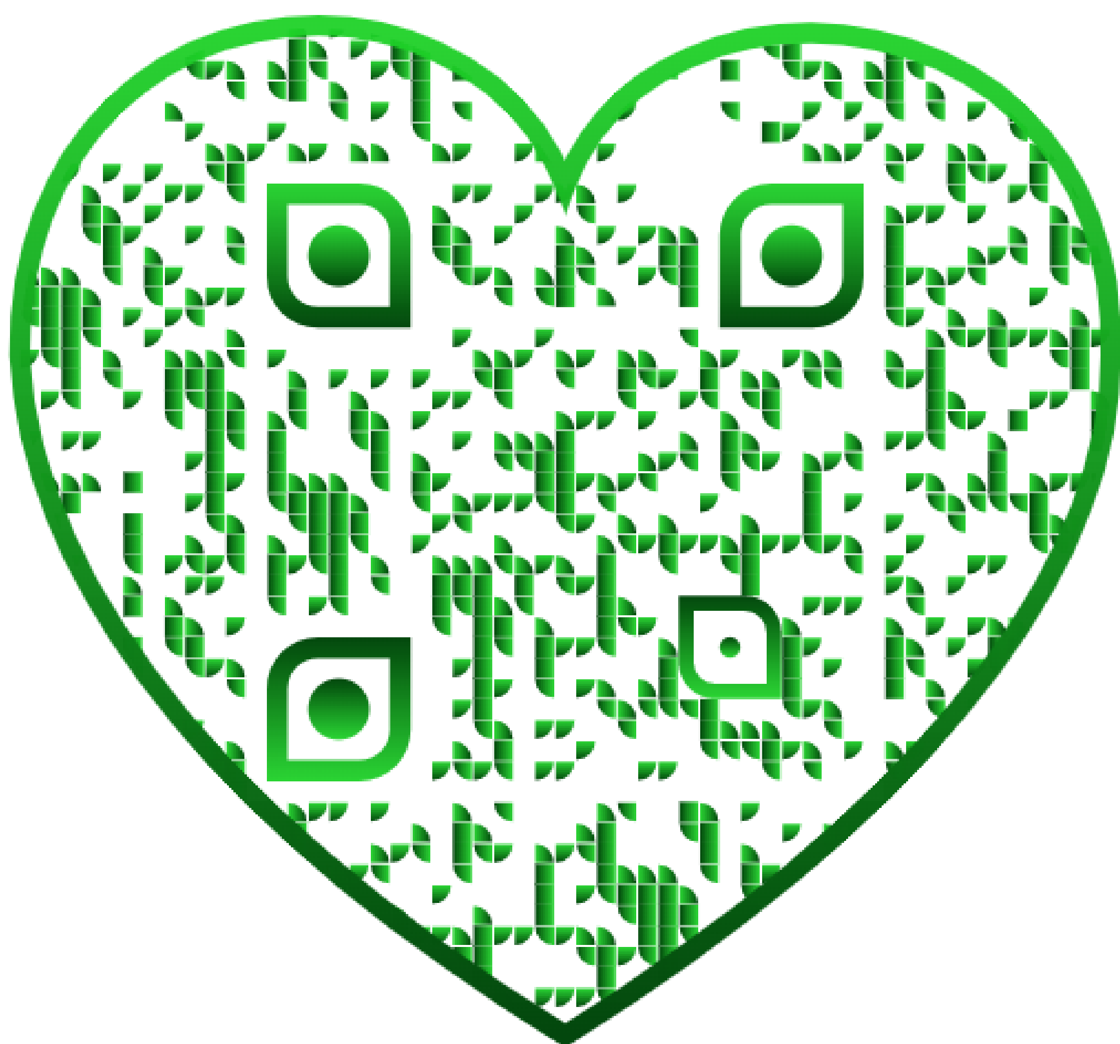
Sociedade das Ciências Antigas



Ecce Homo



Louis Claude de Saint-Martin





Sociedade das Ciências Antigas

ECCE HOMO

POR

Louis Claude de Saint Martin



TRADUZIDO DO ORIGINAL ITALIANO:

"ECCE HOMO"
MILÃO - 1950

CAPÍTULO I

Quando no campo das ciências exatas e naturais, nos defrontamos com os axiomas, não nos perguntamos por que são verdadeiros. Estamos convencidos que encontram respostas em si mesmos.

Tal sensação pode ser explicada pela relação que existe entre a exatidão daqueles axiomas e a centelha de verdade que brilha em nossa mente. É como se nos encontrássemos em frente a dois raios de uma mesma fonte de luz, que mesmo parecendo distantes um do outro, unem-se pela sua analogia e penetram-se transmitindo calor e luz reciprocamente.

Perceber a verdade que os axiomas nos ensinam, mesmo parcialmente, pode ser importante para nós, mas a existência desses dois elementos essenciais que acabamos de conhecer não determinam nem a exatidão do axioma nem a centelha de verdade em nossa mente. Ambos são dotados de uma vida natural própria, sem perigo de se anularem, podendo os dois raios se separarem sem produzir nenhum efeito, enquanto não perderem a sua essência e o seu caráter constitutivo. Um matemático poderia encontrar-se imerso no sono; isso certamente não impediria a verdade geométrica de existir, nem o engenheiro de possuí-la ou servir-se dela no momento oportuno.

Existe, porém, uma filosofia que nega tudo isso, por não reconhecer a essência dos seres como algo distinto das suas várias propriedades, por não ir além das simples modificações das coisas e condenar abertamente uma existência autônoma dos seres além das impressões. Queremos simplesmente advertir sobre ela, sem nos determos numa discussão maior. A todos aqueles que não conhecem essa filosofia, asseguramos que encontrarão em si mesmos a resposta para tais dúvidas. Passemos adiante.

A alma humana, seja por um impulso próprio, seja por uma dádiva, eleva-se ao sentimento íntimo do ser universal que abraça tudo e produz cada coisa, o sentimento daquele ser desconhecido que chamamos Deus. Assim, a alma não mais procura na descoberta de axiomas particulares uma forma de dar conta da verdade total que a conquista, nem da viva alegria que a verdade lhe dirige; ela sente que este grande ser ou este grande axioma existe por si e que é impossível que não exista.
Sente igualmente em si, através do contato divino, a realidade da própria vida pensante e imortal. Não tem mais necessidade de indagar sobre Deus nem sobre si mesma. E no afeto santo e profundo que experimenta diz para si em um verdadeiro e particular êxtase de segurança:

"Deus e o homem são seres verdadeiros que podem conhecer-se na mesma luz e amar-se no mesmo amor".

Como pode a alma ter a sensação exata de tais verdades imutáveis? Em virtude da mesma lei que manifestou a certeza dos axiomas parciais para sua mente. A alma sente a existência inatacável do princípio superior de seu ser e dela própria, por meio da relação e das ligações que existem entre eles. Pois sem isso, a convicção da existência destes dois seres não poderia atingir-nos nem fixar-se em nós e, se este fogo divino não encontrasse em nós uma analogia poderosa, nos atravessaria sem deixar nenhum vestígio e nenhum sentimento de si próprio.

Baseado na mesma lei, que aproveitamos ou não para sentir os tesouros de verdade revelados pelo contato divino, o fato possui indiscutivelmente uma grande influência sobre as nossas verdadeiras satisfações. Mas não há nenhuma influência sobre a existência em si dos tesouros, nem sobre a existência da parte do nosso ser que constitui o seu receptáculo. Assim, a privação deste sublime sentimento nas almas alteradas, e todos os pensamentos ilógicos que daí derivam, não pode

aniquilar nem o principio necessário e eterno dos seres, nem a analogia divina que todos nós temos na relação com este. Aquilo que é pode ser confirmado e valorizado pelos sinais ou testemunhos exteriores, mas deles não pode derivar a própria realidade, já que esta é anterior, independente e o existir a traz em si.

Este aspecto de lógica natural, classificando os testemunhos exteriores, não exclui os seus privilégios. Aquilo que é ou seja, o fato, não pode derivar a própria realidade dos sinais e dos testemunhos exteriores, pois tal realidade é anterior a estes. Não é portanto verdade, que na esfera temporal na qual estamos, sem os testemunhos anteriores e sem a sua ação, a realidade do fato não poderia manifestar-se fora de si própria; e nem aqueles sinais e testemunhos exteriores podem ser considerados como indicadores seguros da fiel expressão do tipo de realidade ou do tipo de idéia que delineiam. Esta lei, mal aprofundada, deu lugar ao erro dos filósofos, induzindo-os a confundir o meio com o princípio, o órgão da manifestação com a fonte dessa manifestação.

Ora, visto que percebemos que não existe uma realidade que procura preencher a própria medida, devemos presumir que a imensa quantidade de objetos que nos rodeiam têm um amplo e importante objetivo: promover as realidades, cada uma segundo seu próprio gênero e sua própria classe, ou ainda, testemunhar em favor do que é e de suas manifestações. De fato, é útil para o nosso pensamento conhecer os acontecimentos e as realidades, e para a nossa alma assenhorar-se do local onde cresce o patrimônio da existência.

Mesmo havendo pouca familiaridade com as obras já publicadas sobre temas do gênero, é necessário reconhecer que o nosso ser espiritual e o nosso ser físico possuem algumas faculdades relativas ao importante escopo do conhecimento. Com efeito, os nossos órgãos materiais transmitem à nossa animação sensível a impressão das formas e das imagens de todos os objetos que a eles se apresentam, assim como transmitem o sentido das diversas propriedades dos objetos. Em seguida, a nossa alma pensante tem a tarefa e o poder de analisar todas essas propriedades, de considerar qual o escopo da existência dos diversos objetos, quando o fim ainda lhe é desconhecido. A alma pensante tem o direito de procurar nos objetos a idéia da qual esses são a expressão, a que fatos atestam, quais realidades manifestam. E nós só devemos admitir que estamos completamente satisfeitos quando nosso pensamento se alegra em conhecer o fim último dos objetos; assim como o nosso ser sensível se alegra com as impressões que recebe das diversas propriedades inerentes aos objetos - mais um motivo para convencer-nos que todos os objetos são a expressão de uma idéia. De fato, como poderiam conduzir nossa inteligência a um escopo luminoso e de satisfação, se não fossem eles próprios, por assim dizer, descidos do mundo da luz ou do mundo das idéias?

Por outro lado, os hábitos mais comuns entre os homens não nos iluminam sobre a grande verdade, de que todos os objetos que nos circundam são a expressão de uma idéia? Todas as invenções de que os homens se servem hoje em dia para suas necessidades, para os próprios prazeres, para sua comodidade, não portam em si o caráter da idéia a qual devem a própria origem? Um livro não é talvez o sinal do projeto de um homem que decidiu representar os próprios pensamentos em um único órgão? Uma carruagem não é o sinal da intenção de um homem de ser transportado rapidamente e sem fadiga? E também a casa não representa a exigência de obter uma vida cômoda protegida das intempéries?

Acreditamos, portanto, que a Sabedoria suprema também tenha idéias e planos nas suas obras, como nós temos nas nossas. Além disso, é certamente mais fecunda e mais inteligente do que nós.

Portanto as suas obras, se conhecêssemos o espírito, teriam a sublime vantagem de dirigir ao nosso pensamento e à nossa alma satisfações mais vivas do que aquelas que dirigem à nossa vista, ostentando a pompa de sua magnificência exterior e da rica, mas regular, variedade de suas formas.

Acreditamos, ao mesmo tempo, que o objetivo da Sabedoria suprema seja o de aplicar o nosso ser na busca dos próprios planos, multiplicando sob os nossos olhos a imensidade de objetos diversos. De fato, se é verdade que cada realidade procura fazer-se compreender e manifestar-se e que não pode fazê-lo, a não ser pelos seus sinais e testemunhos exteriores, nós facilitaremos e ajudaremos nessa manifestação interrogando cuidadosamente os testemunhos e os sinais, recolhendo com cuidado ainda maior as suas indicações.

Mas entre todos esses sinais e esses testemunhos, quem além do homem poderia ser mais digno da nossa atenção e revelar-nos as maiores verdades? Quem nos ofereceria indícios mais significativos?

Quem deixaria correr perante nós os numerosos rios de fogo que parecem brotar vivamente de seu pensamento e de seu coração e que nos mostram, por assim dizer, como sentado sobre o trono de todos os mundos para julgá-los e governá-los sob os olhos do Soberano invisível, o único ser que o homem encontra acima de si?

Todos os outros sinais que compõem o universo não nos são oferecidos, dada a fragilidade que os caracteriza e as suas surpreendentes disparidades, a não ser como tantos outros reflexos passivos e parciais de potências espirituais e secundárias da divindade.

O homem, pelo contrário, aparecendo sob o aspecto da própria divindade, apresenta-se destinado a refleti-la diretamente e como conseqüência fazê-la conhecer-se completamente. Portanto devemos procurar mais extensamente de qual fato, de qual realidade ele é chamado a ser o depositário e o testemunho perante todos os seres. Pois reconhecemos nele a expressão falante do princípio eterno e a irrecusável analogia que liga os seres uns aos outros. De fato, entre todas as criaturas ele representa o sinal ativo do axioma total, ou ainda, a mais ampla manifestação que o pensamento interior divino já tenha emanado.

Se o homem é o único ser enviado como testemunha universal da verdade, recolhamos portanto os seus testemunhos, não o abandonemos se não depois de havê-lo cuidadosamente interrogado e confrontado consigo mesmo, com o objetivo de estabelecer os diversos esclarecimentos que podemos obter de seus diversos testemunhos.

CAPÍTULO II

Os principais testemunhos do homem consistem no fato de que, sendo ele evidentemente um santo e sublime *pensamento de Deus*, embora não seja *"o" Pensamento de Deus*, a sua essência é necessariamente indestrutível - pois qual seria a possibilidade de um pensamento de Deus perecer?

Em segundo lugar, através da via do pensamento que lhe é própria, Deus ama profundamente o homem. E como poderia, então, não amar-nos, não amar o seu pensamento? Nós mesmos nos deleitamos com os nossos pensamentos!

Por fim, é esse o mais importante testemunho que nos oferece o homem: se somos um pensamento do Deus dos seres, podemos nos espelhar só em Deus e compreendermos Deus e nós mesmos somente no seu esplendor. Pois uma representação nos é desconhecida, principalmente enquanto não conseguimos atingir o pensamento que ela manifesta e da qual é testemunha. Além disso, mantendo-nos afastados dessa luz divina e criadora da qual devemos ser a expressão em nossas faculdades, assim como na nossa essência, seremos apenas testemunhas insignificantes, sem valor e sem caráter. Verdade preciosa é a que demonstra porque o homem se mostra como um ser obscuro e é um problema tão complicado aos olhos da filosofia humana.

Mas se conseguíssemos nos espelhar em nossa sublime fonte, como poderíamos delinear a dignidade da nossa origem, a entidade dos nossos direitos e a santidade de nosso destino?

Homens passados, presentes e futuros, todos e cada um que representam um pensamento do Eterno, sabeis quais seriam as vossas esperanças e as vossas felicidades se todos os gérmens divinos que vos constituem estivessem em atividade e em desenvolvimento? Mas, se mesmo com esses grandes privilégios, a vossa sorte ainda vos procura com desgostos e gemidos e vos impede de exultar, procureis, ao menos, fazendo refletir sobre vós os raios do Sol gerador, encontrar aquilo que o homem foi em outra época, que já transcorreu, mas cujos testemunhos presentes atestam que não vos foi sempre estranha.

O homem pode não ser mais aquele que foi num tempo passado, mas sempre poderá aperceber-se daquilo que deveria ser no futuro. Pode sentir sempre a inferioridade da própria substância, perecível e material, que tem somente o poder passivo de absorver suas faculdades na confusão e na opacidade de que é suscetível, enquanto o ser humano tem o poder ativo de criar múltiplas faculdades, que não existiriam nunca por natureza e sem a vontade do homem.

Aqui justamente apresentamos a diferença em relação ao homem empírico. Esta é muito importante para que não reconheça em vós os sinais da antiga dignidade e da supremacia do pensamento. Tal diferença seria uma forma de conduzir o homem mais ao alto e demonstrar-lhe que as verdades interiores são muito mais instrutivas do que as verdades geométricas. De fato, essas últimas se fundamentam somente sobre a superfície, enquanto as primeiras nascem do centro interior e permitem entrever a profundidade.

Persuadidos disso, remontamos, portanto, à nossa origem. Penetramos, com a nossa atividade interior, no estado em que poderíamos descobrir se a influência criadora da fonte suprema passa a agir no âmbito de nossa atual existência. E se essa transmitiu para nossa natureza todos aqueles princípios de ordem, de perfeição e de felicidade, que nós sentimos dever residir eternamente no Ser soberano do qual descendemos. Todos estes gérmens divinos, uma vez formados em nós, não trariam consigo o dom de uma vida potente e eficaz? A nossa inteligência não seria, por ventura, gerada continuamente do sopro destas inumeráveis e eternas fontes de vida que lhe dariam existência e luz? A nossa capacidade de amar seria preenchida pela viva e doce universalidade de nosso Princípio originário e não deixaria nenhuma lacuna em nosso afeto sublime e em nosso impulso de santa gratidão com esse Princípio..

Alguns consideram que refazer a nossa origem significa remontar a duas épocas, anteriores ao estado no qual o homem se encontra hoje. Isso para alegrarem-se com a idéia sábia e consoladora que o mal primitivo não foi eterno e para deixar à Deus a glória de haver exercitado o sublime privilégio que ele possui - de gerar todas as suas criaturas na plenitude da alegria e de uma felicidade selada por cada função penosa e por cada luta perigosa. Os que sustentam tal hipótese, afirmam que na primeira dessas épocas, como o mal ainda não existia ou, em outros termos, nenhum ser havia ainda se separado do plano divino, as nossas alegrias não teriam então necessidade de realizar-se além de nossa existência. De fato, se tivessem se realizado, isso teria significado o engrandecimento sem fim do eu no infinito, a única coisa real para nós; teríamos, assim, conseguido exprimir a nossa felicidade e o nosso amor em contínua ascensão em direção à nossa Fonte, que nunca teria cessado de inclinar-se amavelmente em nossa direção; não teríamos necessidade de manifestar-nos diretamente, pois ao nosso redor tudo estava completo e a Verdade, preenchendo tudo, nos olhava como adoradores eternos, sem nos usar como seus símbolos e testemunhos; todos os seres, por fim, teriam a alegria da visão e da presença da Verdade absoluta, e nada faltaria para a plenitude de seus afetos e de suas esperanças, podendo ter a visão da imensidão e da infinita atividade divina.

Para não dirigirmos nosso olhar a uma ordem de coisas tão elevadas, contentemo-nos aqui em contemplar o momento da nossa missão no universo. Iremos nos deter, portanto, sobre a segunda época da nossa origem, a mais próxima da nossa condição atual. De fato, estando a primeira época tão afastada de nós, não teríamos idéia da sua existência se a segunda não funcionasse como sua intermediária.

Na segunda época - que continuaremos a considerar como a nossa existência primitiva - recebemos os caracteres dos símbolos e dos testemunhos da Divindade no Universo, assim como nos foi dada toda potência e esplendor divino, associados ao escopo sublime da nossa qualidade espiritual e aos direitos divinamente concedidos para cumprirmos esse escopo. Por que motivo, então, fomos afastados do âmbito da imensidade divina, na qualidade de sinais e de testemunhos, a não ser para repetir no lugar onde a Sabedoria suprema nos colocou, aquilo que acontecia no círculo divino do ser? E como poderia existir uma zona separada e particular, se alguns seres, turbando o próprio equilíbrio, não tivessem interditado o acesso ao espaço universal - dado que o princípio da Unidade procura inundar tudo por sua natureza e o mal não é outra coisa se não a concentração parcial de um ser livre e sua abstração voluntária do reino da universalidade?

Assim como na ordem eterna da imensidade divina, Deus basta à plenitude da contemplação de todos os seres, nós, no momento em que recebemos uma missão individual e uma existência separada dele, poderíamos representá-lo e sermos seus sinais e testemunhos. Somente com a nossa dimensão, já mostraríamos a imagem mais tênue de Deus para os seres que, concentrados na própria existência e tendo perdido de vista a presença divina, estariam encerrados na atmosfera particular de seu erro.

Nesse contexto, no momento de nossa origem deveria se manifestar em nós mesmos todo o plano válido para o andamento da nossa obra. Seria necessário que nós explicássemos os pensamentos luminosos, as virtudes vivificantes e as ações eficazes, para podermos ser os representantes do supremo Autor do nosso ser. Quanto mais aprofundamos a analogia que reconhecemos entre a alma humana e o seu eterno Princípio, mais sentimos que, sendo Deus a fonte radical e primitiva de tudo o que é perfeito, não poderíamos ter derivado dele, e sim sermos dotados daqueles sublimes caracteres que temos apenas delineado, dos quais nossos fracos pensamentos representam ainda hoje algumas imagens, quando sãos e regulares.

A divindade, de fato, não teria escolhido o próprio pensamento, se não tivesse como objetivo refletir-se em nós com toda a sua majestade.

Os traços desse selo sagrado, que caracterizam o "ânimo" do homem, resistem eternamente a todos os poderes destrutivos. Apesar da vastidão do tempo e a despeito da espessura das trevas, todas as vezes que o homem contemplar as suas relações com Deus, encontrará em si os elementos indissolúveis da sua essência original e os indícios naturais de seu destino glorioso. Ele sentirá que, devido a esse destino glorioso, uma força potente e temível nos foi conferida para submeter à autoridade divina aqueles que poderiam desconhecê-la. Se tivéssemos continuado unidos ao nosso ser, nada nos teria subtraído tal potência, se não a houvéssemos liberado. Ele sentirá ainda que teríamos domínio sobre o nosso império, depois de tê-lo subjugado, e estaríamos ornados de todos os crismas necessários para anunciar em todos os lugares a nossa legítima soberania. Além disso, sentirá que estávamos vestidos sobriamente para tornar nossa presença ainda mais majestosa e para que todas as zonas sujeitas ao esplendor que nos circundava pudessem oferecer-nos o testemunho de respeito e submissão devido à missão divina confiada a nós pela mão suprema. Hoje, o único meio para o homem reconduzir-se ao seu antigo estado, é considerar os frágeis sinais que a sua mente pueril substituiu na terra: o gladio dos conquistadores, os cetros, as coroas, a pompa que circunda os soberanos e a respeitosa dedicação de seus súditos. Poderia encontrar ainda alguns traços disformes dos nossos títulos originais, mas jamais recuperar-lhe a função virtual.

Mas, se para o homem ainda é possível encontrar em si mesmo e nas imagens passageiras da potência convencional e terrestre, os vestígios daquilo que ele poderia ter sido, é fácil para ele provar a dolorosa distância daquele destino glorioso. E se ele ainda tem indícios dos seus direitos primitivos, tem também provas bem numerosas que esses indícios não estão mais em seu poder.

É inútil aqui corroborar com outras demonstrações a degradação da espécie humana. É preciso ser *desorganizado* para negar essa degradação, que é evidentemente constatada pelos suspiros com os quais o gênero humano preenche continuamente a terra, assim como a idéia radical de que o Autor dos seres coloque todas as suas produções nos seus elementos naturais. Então porque estamos tão afastados de nosso elemento natural? Por que mesmo sendo ativos por natureza estamos como que submersos e acorrentados pela coisas passivas? Os homens têm o direito de buscar onde desejarem as causas dessa real e aflitiva desarmonia, exceto no capricho e no rigor do nosso Princípio soberano, cujo amor, sabedoria e justiça constituem o baluarte perene contra os nossos murmúrios.

De resto, ocupando-nos aqui somente das conseqüências e não das causas dessa degradação, pretendemos dirigir-nos somente àqueles que não lhe negam a existência e, apesar das dificuldades que enfrentam para explicar o mal e a sua origem, julgam estarem mais satisfeitos com uma verdade difícil e obscura do que estariam com um absurdo evidente, sem truncar negativamente a questão como faz a filosofia imprudente.

Para delinear as conseqüências desastrosas da nossa degradação, é necessário restaurar-nos ao estado glorioso a que gozávamos, como também ao tesouro que tivemos a custódia e a divisão. É necessário reconhecer que compartilharíamos solidamente a gloria e a recompensa desta magnífica manifestação, pois compartilharíamos solidamente também os trabalhos da grande obra de purificação a nós designado por Deus. Mas dado que não podemos atribuir à Sabedoria suprema a responsabilidade por haver conspirado conosco no abuso daqueles sublimes privilégios, somos obrigados a imputar todos os erros à potência livre do nosso ser. Sendo frágil por natureza - se assim não fosse teriam existido dois Deuses - tal potência abandonou-se às miragens da ilusão e precipitou-se no abismo por culpa própria. Julgo inútil analisar novamente tal verdade, havendo-a já amplamente ilustrada em meus escritos anteriores.

Os princípios da sã justiça, imortais como a nossa essência e que sempre restarão em nós, embora com freqüência não os apliquemos justamente, nos ensinam em que coisa nos transformamos por nossa culpa e nos mostram quais satisfações tal justiça exige de nós.

Começa aqui a aclarar-se o título desta obra e o sentido dessas duas palavras *“Ecce Homo”*.

CAPÍTULO III

Se houvéssemos permanecido fiéis ao nosso santo destino, deveríamos manifestar todos a glória do Princípio eterno (cada um segundo seu próprio dom). Mas, sem sombra de dúvida, precisamos reconhecer que não temos observado a lei suprema, considerando nossa atual miséria e o fato simultâneo de que o Autor da justiça não teria nos abandonado injustamente num estado de sofrimento e privação. O abuso dos nossos privilégios nos induziu a uma manifestação oposta àquela que nos foi solicitada: ao invés de sermos testemunhas de glória e verdade, somos somente testemunhas de desonra e falsidade.

Visto que hoje toda família humana partilha da mesma punição, como em outro tempo partilhou das mesmas recompensas, cada indivíduo deve oferecer um sinal particular da humilhação atual, como já ofereceu um sinal particular da potência na ordem triunfal, pelo dom que lhe competia. Quero dizer que cada um de nós deveria oferecer um sinal particular da pobreza e da privação a qual a

justiça suprema nos submeteu no mundo inferior. Para que, na presença de um sinal tão diferente daquele que deveríamos manifestar, seja possível dizer de nós com insulto e escárnio: *Ecce Homo. Eis O Homem* será o título degradante a nos recobrir de humilhação, desvelando os frutos amargos que o horror semeo em nós - enquanto deveríamos brilhar na glória se nosso nome tivesse conservado seu caráter autêntico. Basta dirigir o olhar à condição dos homens sobre a terra para julgar a importância de tal justiça.

Quem de nós já não pagou, de uma forma ou de outra, o próprio tributo de humilhação? Onde está nossa força? Onde está nossa potência? E nossa luz? Excluindo a indigência, a desordem e a doença, que outros testemunhos expressam hoje nossas diversas faculdades? Todas as influências que exercitamos ao nosso redor, não são somente influências letais? Existe um só homem sobre a terra que não esteja em condições de oferecer sinais dessa pesada reprovação?

Oh homem! Se ainda não estás consciente o bastante para derramar lágrimas sobre a tua miséria, pelo menos não te lança ao ponto de julgá-la um estado de felicidade e saúde. Não permita deixar-te levar pela sedução dos mitos. Não te comporta como uma criança doente que pára de gritar porque se distraiu com o ruído de um brinquedo que se agita em frente a seus olhos e, momentaneamente tranqüilizada pelo fascínio do brinquedo, se acalma como se não devesse mais temer o mal. Da mesma forma, a tua mente se deterá por pouco tempo sobre as ilusões que te distraem do mal; mas esse não tardará em se fazer sentir, e tu, Oh homem!, assustado pelo perigo que te ameaça, descobrirás com que justo fundamento a Sabedoria procura te proteger dos teus males, exortando-te a sarar.

Mas apesar das rigorosas leis que a justiça nos impõe, as conseqüências da nossa condenação, seriam bem mais suportáveis se pudéssemos reconhecer a imparcialidade suprema do nosso Juiz.

Trata-se de reconhecer a bondade implícita em suas reais intenções conosco e de passarmos a nos resignar voluntariamente diante da inevitável potência de seus decretos.

Do exemplo mútuo naturalmente oferecido pelos indivíduos derivariam vantagens imediatas importantes. O estado enfermo, débil e tenebroso dos nossos semelhantes, seria para nós um meio visível de instrução a lembrar continuamente para nossa mente a degradação da família humana.

Por outro lado, retribuiríamos para os outros o mesmo favor se oferecêssemos a seus olhos um espetáculo análogo. Assim, representando uns para os outros o reflexo do pecado e da humilhação comum, estaremos em condições de reconhecer a iluminada justiça da sentença que atraímos sobre nós. Esse será o momento inicial do processo de regeneração que a Sabedoria suprema procura nos avivar. Essa é a única estrada que pode nos levar ao soberano Princípio do amor, do qual recebemos forma e de onde fomos banidos, forçados a deixar os domínios a nós mesmos confiados.

Oh valentes homens das letras! Servi-vos da vossa eloquência para delinear com cores persuasivas e encorajantes o quadro instrutivo da família humana, o estado no qual os indivíduos representam uns para os outros tantas lições viventes. Então, a visão da miséria comum suscitará nos indivíduos um horror salutar de si próprios e os despertará para um interesse apaixonado pela reabilitação de todos os membros desta grande família. Enquanto observam uns ao lado dos outros o silêncio triste da dor, sem interrompê-los para que percebam o ritmo acossador da expiação, mostre-lhes a prática de nutrir-se do pão das lágrimas. Assim o homem poderá dizer do homem: “Irmão, fundamos sobre uma falsa humanidade o reino da morte e agora esse nos abraça com suas trevas; não escondamos o homem de mentira, mantendo-o fechado em suas desgraças e em suas baixezas; procuremos fazê-lo emergir ao aberto para que o vento vivo penetre-o até sua raiz e o reino da morte, estremecido em seus fundamentos, possa desabar e afundar-se nos seus próprios abismos.”

Mas o homem está bem longe de oferecer um espetáculo similar, assim como de prostrar-se frente à irrevogável justiça que não cessa de soar sobre ele. O mesmo princípio de desordem que nos fez decair da nossa dimensão original, persegue, acompanha e anima nossa degradada existência.

Assim como mascarou a fonte mortal do nosso extravio, ele dissimula, dia após dia , seus frutos e conseqüências. O único objetivo desse princípio destrutivo é prolongar a existência do fundamento do mal para que, perpetuando nossa ilusão, possa perpetuar seu próprio reino; e infelizmente, esse fundamenta-se somente sobre nossos desenganos e sobre nossas trevas.

A força enganosa nos persuade de que seguindo suas insinuações sedutoras não nos degradamos; e quando já a estamos seguindo, procura nos convencer que não estamos decaídos, nos induz a persuadir da mesma forma todos os que nos cercam. Em outras palavras, nos leva a impor o sinal da nossa condenação específica aos nossos semelhantes, ao invés de confessá-lo juntamente com o tipo de privação que nos é imposta. O mesmo princípio deteriorante teve a habilidade de aumentar a carga que nos exaure, através das conseqüências da própria degradação e dos múltiplos desejos que nos devoram e nos ocultam o caminho a seguir em direção à reintegração. Os homens procuram se mostrar, portanto, como se efetivamente fossem dotados dos dons que pertenceriam a nossa verdadeira natureza antes de termos cavado um enorme abismo entre nós e a verdade. Também se preocupam em ocultar a falta de virtudes, a carência de talento, os defeitos físicos e os defeitos que derivam dos privilégios de algumas formas sociais e políticas. O olhar de nossos semelhantes tornou-se para nós o único objetivo e o único incentivo para as nossas ações e movimentos. Assim, a superficialidade nos desviou da evolução - objetivo da Sabedoria - quando nos expulsou da sua presença e exilou, a todos, no mesmo lugar. A contínua ilusão, ao contrário, leva-nos sempre mais à ruína e à completa destruição.

No mais, desejaríamos aparecer aos olhos do universo como divindade própria e verdadeira. Mas, sem ter conseguido tal empresa, não quisemos renunciar a ela completamente e procuramos nos investir do nome sacro, pelo menos na opinião dos nossos semelhantes, e de impressionar-lhes com a nossa superioridade - onde permanecem dominados e nos iludem com o doce som da palavra *Ecce Deus*, ao invés de nos irritar e cobrir de vergonha com a degradante definição *Ecce Homo.*

Em resumo, nos comportamos como aqueles seres lesos em todos os membros que ainda aspiram à beleza e a uma vida normal, e procurando mascarar sua má formação com todos os tipos de artifícios, não se preocupam com a fragilidade dos meios empregados com tal objetivo.

O sacerdote, uma vez privado da verdadeira potência e da verdadeira luz, é obrigado a transmitir uma fé cega no caráter e no fundamento, assim como o filósofo e o orador suplicam com os sofismas e com a formalidade da eloquência a falta dos princípios fundamentais, necessários para o estabelecimento do reino da verdade. Sempre com as mesmas razões, os legisladores também exaltam os direitos dos povos e a potência das nações, mesmo não tendo claro os verdadeiros fundamentos da soberania política. Afinal, também o hipócrita busca com esforços de dissimulação e astúcia, o bom nome que não pode obter pelas suas virtudes; sem considerar, além disso, todos os abusos, as baixeza e injustiças que afligem em qualquer parte as associações humanas.

Portanto, adotando meios desviados e corruptos, nós homens substituímos a salutar confissão do nosso estado humilhante pelo quadro de uma glória que é somente fruto de mentira. Enfim, ao invés da humanidade buscar entre os próprios componentes consolo recíproco, no seu estado de prova não cessa de atrair males contínuos.

De fato, o emprego habitual dos nossos dias é semelhante a um sacrificar recíproco; enquanto que, percorrendo o caminho traçado pela consciência da nossa fragilidade, poderíamos nos encaminhar ao bem reciprocamente.

Os caminhos não naturais pelos quais o homem se retarda diariamente terminam com contínuas quedas e desilusões. Os esforços que ele cumpre para destruir a humilhante sentença da própria condenação são em vão e fazem-na mais vergonhosa, por acrescentar novas perspectivas de decadência a sua degradação original. Ainda inutilmente, ele sente que os meios dos quais se serve são apenas sugestões e não tem uma base bastante profunda para conduzi-lo ao verdadeiro objetivo.

Todos esses remédios, não tendo em si o princípio da vida, são mais nocivos ao seu espírito do que as substâncias às quais ele recorre para remediar as carências do físico. Não obstante, o homem continua a prosseguir no caminho improvisado pela própria imprudência e continua a esperar que lhe venha cancelado o humilhante título: *Ecce Homo*.

CAPÍTULO IV

Independente dos meios comuns e gerais de que se servem o erro e a mentira para obscurecer, quotidianamente, nosso olhar sobre nosso próprio estado de miséria, assim como para nos iludir com esperanças inúteis, o espírito das trevas descobriu instrumentos ainda mais desviantes e funestos.

De fato, os erros de que já falamos parecem recair mais sobre o aspecto exterior do homem e suas características visíveis, do que sobre seu universo interior e espiritual. A simples moral seria, portanto, suficiente para mantê-lo afastado de tais erros; e esses, mesmo sendo a causa de tanta dor, no máximo tornariam o caminho da vida mais difícil. Mas os instrumentos de fraqueza dos quais iremos falar, têm pelo contrário, o tremendo poder de transtornar o homem a ponto de não permitir-lhe reencontrar a via justa. Aqui o sentido da frase *Ecce Homo* se revela num trágico pranto.

O nosso estado primitivo permitia que nos aproximássemos de conhecimentos superiores e nos alegrássemos visivelmente com a vida do espírito, revestido do esplendor da sua própria luz. Nos conferia também autoridade sobre os diversos habitantes do mundo, que hoje se encontram ocultos para nós pelo denso véu dos elementos.

Depois da nossa queda, num instante providencial a Sabedoria escolheu um mortal qualquer, mesmo envolto em trevas, para torná-lo participante de tão grande privilégio.

Mas as mesmas trevas reanimaram-se, em contraste com a presença de tão grande luz, e procuraram tomar-lhe o lugar. Fizeram isso repetindo os eventos dos quais foram testemunhas e atingiram o espírito do homem com os meios certos para enganá-lo.

As potências obscuras podem, de fato, ler contemporaneamente nos férteis meandros do pensamento humano. Numa maneira ainda mais válida e capaz de dirigir contra o eu o mesmo pensamento que deveria constituir seu guia, seu apoio e sua certeza em um destino universal.

As graças superiores enviadas diretamente da Sabedoria para alguns mortais tinham esta dupla prerrogativa: ensinavam igualmente a doçura e a magnificência dos dons oferecidos à nossa alegria, para fazer-nos compreender o quanto absurda tem sido a negação na qual tivemos a imprudência de imergir. Em tal espírito, esses homens privilegiados divulgam as suas instruções para os outros seres.

As corruptas obras geradas pelas trevas têm, pelo contrário, o objetivo de convencer o homem de que ele goza ainda de todos o seus direitos. Ocultam-lhe seu real estado de privação espiritual, que é o verdadeiro sinal ao qual está ligada a definição *Ecce Homo*. Mas é no conhecimento de tal privação que está a condição indispensável da nossa reconciliação com a Sabedoria. Ao homem,

não basta apenas se afastar de seu interior para que os frutos das trevas o envolvam e se misturem a sua atividade espiritual, analogamente a uma respiração que, se contaminada pelo ar poluído, torna-se sufocante e infectada pelo miasma podre da corrupção. A Sabedoria suprema sabe exatamente o estado dos nossos abismos e procura socorrer-nos o mais que possível; freqüentemente, porém, é obrigada a recolher-se em si mesma, devido a horrível desfiguração dada às suas próprias mensagens. A sorte para provar a aproximação de tal Sabedoria, o poder do homem para divisar com sua luz a decadente matéria da qual é composto e a amargura com que se aflige a Sabedoria, tornarão possível a qualquer mortal conhecer, por experiência ou analogia, os riscos que corre quando se afasta do seu centro interior e se dirige à exterioridade.

Os sábios procuram divulgar seus ensinamentos com a máxima prudência, precavendo-se para que os tesouros da verdade não sejam enlameados pela corrupção que opera nos abismos do mundo.

Sabem muito bem que a fonte da luz reside no Centro interior e invisível, e que a razão pela qual o mundo progride tão lentamente em direção aos caminhos consagrados do esplendor, é que só se serve exteriormente e superficialmente do instrumento de comunicação. Assim, deixa de fundamentar-se sobre as raízes vivas da Potência interior a única chama que pode reavivar todas as autênticas perspectivas do ato da comunicação. De fato, somente no interior reside a Palavra viva e criadora.

Além disso, freqüentemente o mundo parece esquecer que as verdades mais preciosas das quais tomou conhecimento, segundo a sua natureza, só podem vir expressas na dor e no silêncio, e que a boca física do homem não é digna de enunciar, assim como o ouvido físico não é digno de escutar.

A imprudência se transformou em hábito e devido a ela o homem permanece eternamente imerso nos abismos da confusão. Abismos destinados a tornarem-se sempre mais funestos e obscuros e a gerarem contínuos estados de oposição. Assim colocado no centro de potências múltiplas e terrificantes, a puxá-lo e arrastá-lo em todos os sentidos, seria um prodígio se o homem conseguisse conservar no coração um sopro do céu e na espiritualidade uma centelha de luz.

Com nossa leviandade, que vantagens não oferecemos ao Príncipe das trevas, sempre em busca de estabelecer seu reino na imitação da verdade? Certamente, procuramos nos abandonar o menos possível à fraqueza secreta que nos induz a procurar fora de nós o apoio que podemos encontrar somente em nós mesmos. Tentemos, portanto, conservar-nos, restabelecendo nossa qualidade de Seres naturais, verdadeiros e simples, que como crianças ainda permanecem suscetíveis para acolher os dons enviados do alto. Mas como se não bastassem as várias missões espirituais e divinas de que estamos investidos, o Príncipe das trevas nos leva a adentrar sempre mais na espacialidade exterior.

Uma vez imersos nela, ele nos retém com o fascínio e com as alegrias que lá começamos a experimentar e que nos fazem esquecer rapidamente das alegrias da vida interior - tão calmas e pacíficas quanto são agitadas e turbulentas as primeiras. Depois de nos reter na exterioridade física, ele nos induz a habitá-la com o veneno da nossa contemplação e o instrumento funesto dos olhos de nossos semelhantes. Esses, estando afastados como nós do próprio mundo interior, exercitam sua influência desviante sobre nossas manifestações imprudentes; arrastam-nos na obscuridade e na mentira, despertando finalmente em todos nós os instintos opostos à simplicidade, à tranqüilidade e à humildade - inalteráveis e duráveis e que nos teriam animado em direção ao nosso interior.

Certamente o homem não violaria a liberdade do próprio semelhante, conscientizando-o sobre o quanto a verdadeira obra humana encontra-se longe de todos os impulsos exteriores. Como já foi dito, o nosso lugar no mundo exprime o aspecto típico da Divindade. Todos repousamos sobre uma raiz viva que deve operar em nós atividades regulares para uma harmonia germinativa. Em torno a

nós e por nosso intermédio, verificam-se fatos exteriores no que diz respeito ao curso ordinário da natureza. Mas quer exista uma natureza e um mundo, quer não exista, nossa obra deve ter sempre seu próprio curso. Nós representamos uma insignificante nulidade, enquanto Deus resume a razão de tudo. Devemos, portanto, venerar à Deus e não nos ancorarmos em fatos impuros ou mesmo nos fatos legítimos, sejam quais forem.

Entre os caminhos secretos e perigosos dos quais o Príncipe das trevas se assenhora para desviar-nos, devemos ressaltar todas as extraordinárias manifestações que têm caracterizado os séculos.

Elas não teriam nos prejudicado tanto, se não houvéssemos perdido de vista o verdadeiro caráter do nosso ser, sobretudo se conhecêssemos melhor a perspectiva espiritual da nossa história desde a origem de todas as coisas.

A maior parte desses caminhos secretos foram abertos de boa fé por aqueles que os conheciam, sem nenhum objetivo perverso. Mas não podendo encontrar em tais homens favorecidos pela sorte a "prudência da serpente" em união com a "inocência da pomba", esses mesmos homens incorporaram em si o entusiasmo da inexperiência, ao invés do sentimento sublime e profundo da santa magnificência de Deus.

Assim, o Príncipe do mal teve a possibilidade de intrometer-se nesses caminhos e de gerar neles uma infinidade de diferentes combinações que tendem a obscurecer a simplicidade ditada pela Luz.

Em alguns, o Príncipe das trevas provoca somente sombras leves, quase imperceptíveis em relação à abundância de luzes que as contrabalançam; em outros, a contaminação é suficiente para dominar o elemento puro. Noutros casos, o Príncipe das trevas estabelece o próprio domínio com o objetivo de tornar-se o único chefe e o único regulador das situações.

Alguns escritores inspirados e de boa vontade nos mostraram que na constituição do universo está uma das vias das quais o Príncipe das trevas se serve para propagar suas ilusões. Esses escritores prestaram às nações desviadas o maior serviço que se poderia esperar. Essas nações deverão meditar atentamente sobre este raio de luz. Raio que revelará claramente a fonte da abominação e dos erros religiosos, que por outro lado já atraíram sobre povos famosos as vinganças da cólera divina. As nações poderão obter os conhecimentos mais vastos e úteis de que necessitam os tempos modernos - tempos mais semelhantes aos antigos do que se possa imaginar. A inteligência do homem tem à disposição esta chave.

Podemos portanto, limitar-nos a considerar os frutos da obra das forças tenebrosas que desviaram tantos mortais e percorrer os diferentes sinais onde tais frutos podem ser reconhecidos, assim como as desilusões reservadas àqueles que se nutrem deles.

CAPÍTULO V

Podemos reconhecer a falsidade presente nas manifestações e nos movimentos exteriores quando as obras resultantes desses movimentos parecem ser somente sombras de si próprias, mudanças superficiais, que por conseqüência, não possuem o poder vivificante de religar-nos ao plano da grande obra de Deus.

Por outro lado, o escopo do projeto divino consiste em reconduzir-nos ao nosso próprio centro interior onde habita o divino, evitando que nos dispersemos pelos centros exteriores frágeis, tenebrosos e corruptos onde Deus não reside. Além disso, conseguimos reconhecer a falsidade, quando as missões dos seres enviados para instruir-nos possuem um caráter vago e indeterminado.

Tal confusão pode ser verificada quando esses enviados encontram-se subordinados a árbitros incapazes de julgá-los. Tornam-se, então, altamente comprometidos com a destruição das suas próprias obras, pois submetem suas faculdades iluminantes à direção de guias estranhos a tais inteligências. Independentemente deste caráter incerto, podemos ainda discernir o erro, quando as profecias desses enviados oferecem incentivo para afastar-nos do destino natural do espírito humano. Como já se viu, tal espírito é o primeiro sinal e o primeiro testemunho da tonalidade divina, e embora esteja bem longe de atingir aqui na Terra o nível dos privilégios e do esplendor originais, só pode dar um passo seguro vislumbrando a débil centelha que ainda lhe resta.

Enquanto sinal e testemunho da Divindade, o espírito do homem não cumpriria seu objetivo natural se representasse somente o sinal e o testemunho dos anjos e do espírito, das potências terrestres e celestes da natureza e das almas desencarnadas. Mas se após ser anunciado como sinal e testemunho da luz divina, se transformasse por suas ações imprudentes, no sinal e testemunho de seres ignorantes de ações tenebrosas e corruptas, a involução seria ainda mais grave. É impressionante constatar, portanto, com que profusão e confusão todos esses erros e particularidades que deles derivam, podem também se introduzir nas vias de excepcionais manifestações benéficas.

Pressentimos o erro quando essas vias extraordinárias não se apoiam mais em sólidas estruturas.

As próprias Escrituras Sagradas deixariam de ser verdadeiras se não depusessem em favor do caráter divino como distintivo no homem, como aquele pelo qual reconhece estar revestido por meio do Autor supremo dos seres. As escrituras também não seriam aceitáveis se não elegessem o homem como sinal e testemunho da Divindade única e se não reconduzissem a alma a este único objetivo, mostrando o mal e as trevas que a espera se a alma se transformasse num sinal e testemunho de formas divinas diversas. Enfim, as escrituras não seriam verdadeiras se em todos os eventos que relatam, em todas as profecias que contém e em todas as maravilhas que manifestam, deixassem algo à glória humana dos indivíduos, falhando por não indicar claramente o objetivo exclusivo da afirmação universal em relação à única Verdade suprema. Sob esses pontos de vista, as Sagradas Escrituras servem de suporte à natureza do homem, ao destino que lhe foi designado com base na sua origem e, portanto, deve inspirar cada ação desse mesmo homem. As escrituras apresentam o homem como a criatura chamada a ser a imagem e semelhança de Deus, a dirigir todas as obras a ele confiadas, a conquistar a terra e a povoá-la, a atribuir aos seres os nomes que competem a eles, colocando o homem sob o olhar da Divindade numa correspondência direta com essa.

Depois da narração sobre a queda, as escrituras não cessam de recordar ao homem qual era seu lugar primitivo e de prometer-lhe que o Eterno será o seu Deus e a humanidade será o povo do Eterno, se ele seguir com zelo e coragem as normas e exortações que a suprema Sabedoria envia para confortá-lo. As escrituras não cessam de colocar o homem em guarda contra as insídias dos seres habitantes da triste morada que ele ocupa atualmente; procuram mostrar sob mil formas os meios que esses seres utilizam para destruir sua felicidade, até não conseguirem mais fazer o homem participar das suas abominações e se colocar a serviço dos seus ídolos.

As escrituras descrevem ainda, sob os aspectos mais humilhantes possíveis, o estado de miséria a que o indivíduo se reduziu quando esqueceu Deus e foi negligente ao defender-se dos próprios inimigos. De resto, o homem é uma criatura verdadeiramente cara ao amor divino, principalmente, pela forma com que sempre se referem a ele as escrituras. De fato, o inabalável Princípio de todas as coisas colocou-se ao lado do homem e do seu pensamento, para subtraí-lo do destino de morte ao qual estava exposto; para pagar, em nosso nome, o débito pelo qual somos responsáveis diante da justiça humana. Assim, o rio do amor divino, que é nossa fonte de vida, não pára de fluir para nos regenerar. Aqui na Terra, o coração do homem não se torna árido em relação a seus próprios irmãos, apesar das injustiças cometidas. Estaria sempre pronto a padecer por eles, se por esse preço,

pudesse lhes restituir a exultante consciência da virtude. Assim também o eterno rio da vida não secou na ora da nossa falta; simplesmente reduziu-se e retirou-se, condenando-nos a comer com o suor do nosso rosto, o pão da vida que deveríamos comer pelo nosso trabalho e não por meio da fadiga.

Esse rio foi progressivamente alimentado pelas relações com o homem promovidas pela evolução dos tempos. Assumiu enfim sua antiga extensão, cumprindo a lei da nossa condenação, que nós mesmos nos recusamos a cumprir; transformando novamente sua potência na nossa natureza humana. Revestiu-se das possibilidades terrestres e dos sinais de escárnio, e coroado de espinhos, ferido por golpes, sujo pelas cuspidas, abandonado por todos, sofreu ao ponto de mostrar-se publicamente com um bastão como cetro, para que se dissesse dele aos olhos das nações da Terra: *Ecce Homo*. Eis o estado a que o homem se reduziu desde o primeiro pecado e por todas as prevaricações sucessivas.

Graças a essa humilhante confissão, a Justiça reabriu para nós todas as portas do amor, já que dessa forma as conseqüências do pecado do homem foram manifestadas e denunciadas pelo próprio homem. Sem esse terrível testemunho, a morte do Homem Reparador seria uma atrocidade injusta e a misericórdia divina um capricho.

As escrituras pretendem, portanto, indicar o veículo específico de que se serviu o rio vivificante do amor para descer como de uma montanha até nosso ser. Os testemunhos das escrituras não são a prova de todos os princípios para a alma do homem, pois além desses princípios serem anteriores às próprias escrituras, a alma pode lê-los em si mesma. Porém, as escrituras podem oferecer ao homem um apoio sempre sólido e um alimento salutar. E como tais, entram novamente no rol dos meios que nos são oferecidos para julgar as manifestações do espírito em geral.

Sirvamo-nos, portanto, de todos os princípios que até aqui apenas delineamos. Apliquêmo-los às manifestações de vida onde o erro se insinua facilmente sobre a verdade, onde paramos na ascensão e colocamo-nos no caminho do Príncipe das trevas, surpreendidos por maravilhas e tesouros que nos circundam.

Os caminhos e os dons parciais podem se verificar na atmosfera relativa de todos os tempos, porque em todos os tempos existiram e sempre existirão seres que mesmo não sendo inteiramente dedicados ao mal, encontram-se num nível muito inferior em relação ao espírito divino; seres que não serão jamais animados por toda força e plenitude desse espírito. Para que os caminhos limitados possam ser substituídos pela iniciativa da viva luz, é necessário que tenham pelo menos o caráter da vida, que representem numa escala menor, a produção da grande obra. Sem esses pré-requisitos, os seres possuem somente uma função figurativa e limitam-se ao aspecto superficial das situações, de forma que todos que se abandonam a eles não penetram nunca até o centro da obra.

Ora, por razões que não creio seja necessário expor aqui, a obra parcial assume facilmente no pensamento do homem o caráter de obra total. A obra do espírito é confundida facilmente com aquela da Divindade, assim como a obra das potências naturais aparece como obra do espírito. Mais facilmente ainda, a ação das potências cegas e corrompidas é confundida com a ação das potências naturais.

O Príncipe das trevas aproveita-se dessa infeliz tendência do homem para a confusão e a estimula, servindo-se dos direitos que lhe permitimos assumir sobre nós.

Na sua condição relativa, o homem deve então combater dois obstáculos: o da própria fraqueza e o do Príncipe das trevas, obstáculos entre os quais nos movimentamos sobre o plano terrestre. Já o homem admitido na plenitude da obra divina não deve realizar o mesmo trabalho nem correr os

mesmos perigos que descrevemos. Porém deve sempre guardar-se do Príncipe das trevas para cumprir dignamente a sua elevada missão. Ele obterá o conselho para suas próprias operações somente da intimidade com Deus. Infelizmente todos os planos são percorridos pelos perigos descritos.

Geralmente os homens trocaram por missão divina as simples missões espirituais; confundiram as missões espirituais com aquelas naturais e as missões naturais com outras tenebrosas ou sub-naturais.

Cada um procurou propagá-las como erroneamente as compreendeu, enquanto o certo era concentrá-las numa atmosfera íntima e limitada quando verdadeiras, ou afastá-las para sempre se não tivessem o caráter da verdade.

Podemos imaginar quantas ofensas os portadores de cada missão dirigiram a si mesmos, saindo de suas próprias esferas e expondo-se, imprudentemente, sem forças suficientes, às influências antagônicas e corruptas de outras esferas que deveriam permanecer desconhecidas para sempre.

Os frutos que o Príncipe das trevas obteve são incalculáveis. Muitas instituições sobre a Terra têm sido visadas por ele, sejam aquelas reverenciadas como sacras, sejam as que fizeram da sua autêntica natureza simples emblemas e com base em progressivas alterações, se transformaram em instituições profanas. Entre esses dois extremos existem numerosos estados intermediários, mas os germens mais mortais produziram frutos nos pontos periféricos, pois quanto mais esses germens decaem, mais encontram terreno onde são capazes de fecundar. Consequentemente as instituições profanadas revelam sua origem tanto pela prescrição de regras absurdas de conduta, quanto pelos seus meios inerentes cujos relatos revelam espaços naturais honrados como divinos por quase todos os povos da Terra, e trocas espirituais, boas e más, às quais tais espaços são suscetíveis.

Será suficiente aqui, para que o leitor atento faça comparações importantes, mencionar os cabelos e unhas, que a exemplo de uma lei muito instrutiva não são sensíveis; já na cabeça do homem, a sinuosidade do cérebro e do cerebelo tem relação com o intestino. Citemos ainda os astros, nos quais a mitologia de todos os tempos coloca inúmeras imagens hipotéticas para satisfazer a fantasia humana. Enfim, recordemos o Deuteronômio, cujo texto o povo hebraico e todos os outros povos podem aprender a se precaverem contra a idolatria, encontrando as bases das relações, a mágica analogia dos planos temporais e o conselho para protegermo-nos dos deuses de outras nações.

Conclusão: demandando uma forma de agir inferior, o Príncipe das trevas nos impede de obedecer à Lei. Ao invés de nos fazer aparecer em nossa miséria e com a nossa qualidade humilhante de *Ecce Homo*, faz com que nos contentemos com as simples potências espirituais e elementares; com as meras potências figurativas, ou simplesmente com as potências de reprovação, nos iludimos pensando estar revestidos pelas verdadeiras potências de Deus para gozarmos de todos os direitos da nossa origem.

Da facilidade com que o Príncipe das trevas generalizou as missões parciais e alterou-as até transformá-las em ilusórias, derivaram as falsas missões.

CAPÍTULO VI

Na categoria das falsas missões estão as que fazem uso de datas e procuram aplicar a movimentos políticos modernos as várias profecias contidas na história judaica. Essas se referiam somente a povos ligados diretamente à Judea, por interesse ou rivalidade, mas sempre segundo planos divinos insondáveis. Realizados tais planos, as profecias utilizadas para anunciá-los exauriram completamente o espírito que lá se encontrava.

Os próprios judeus serão obrigados a se elevarem até regiões superiores para obter os frutos que lhes foram prometidos, onde esse espírito se retirou para aguardá-los. Lê-se, portanto, em Jeremias 30:24: *A ardente ira do Eterno não se acalmará até que tenha realizado e executado os propósitos de seu coração. No fim dos dias compreendereis essas coisas.*

Lê-se ainda em Isaías 60: 18-22, onde a consolação e a alegria com as quais devem ser preenchidos são transferidas a um dia no qual *não terás mais o Sol como luz do dia, nem o clarão da noite te iluminará......O teu Sol não voltará a por-se, e a tua Lua não minguará.*

Em Joel 4: 1-2 ainda se lê que *depois do retorno da escravidão do povo de Judá e de Jerusalém, o Senhor diz que reunirá todos os povos no vale de Josafá para julgá-los (* tais expressões exultam a inteligência a elevar-se acima do vale terrestre). O Senhor promete à estirpe de Judá no versículo 21: *purificarei (vingarei) então o sangue deles, que não purifiquei antes; e o Senhor habitará em Sion.* Sobre essas últimas palavras, recordemos a frase pronunciada por São Paulo em I Cor 15:50:

A carne e o sangue não poderão receber por herança o reino de Deus. Pela mesma razão dizemos que o reino de Deus não pode co-habitar com a carne e com o sangue. Será necessário, portanto, que a carne e o sangue desapareçam para que as profecias de paz do antigo testamento possam se realizar.

No entanto, se tais profecias fossem aplicadas à reintegração do povo de Israel ao seu reino temporal e terreno isso as diminuiria, certamente querer aplicá-las hoje aos movimentos sociais e políticos significaria desconhecê-las. Estaríamos atribuindo a essas funções que o espírito não lhes conferiu. Não podemos esquecer o estado de nossas sociedades políticas atuais que, infelizmente, estão abandonadas a simples potências humanas, das quais não podemos esperar nenhum futuro. *O reino do homem não é desse mund*o, e o Homem reparador, que nos regula verdadeiramente, não se ocupou da ordem política dos reinos da Terra deixou-os, sim, às potências que os dirigem.

Esses parecem também estar privados de espírito, embora no seu agir desordenado a luz espiritual jamais os perca de vista.

As missões de que falávamos antes, certamente não são menos falsas do que quando se anunciam sob o nome humano da Virgem ou sob outros nomes de criaturas privilegiadas. A tendência do homem de santificar seus próprios impulsos sentimentais e divinizar os objetos bastou para que as simples orações e invocações dirigidas a essas criaturas privilegiadas, assumissem no seu íntimo um caráter de dignidade e imponência. O homem encontra-se apoiado, quase exclusivamente, no auxílio que tais criaturas podem lhe dirigir, enquanto Deus pode favorecer-lhe a ponto de permitir a essas criaturas orarem em conjunto com todos os homens para Ele.

Mas, ao contrário, transpusemos seu culto com facilidade e imprudência. Quanto mais o homem encontrava naquelas criaturas escolhidas a paz, a alegria, o apoio do qual necessitava, menos se sentia impelido a buscar seu conforto na própria fonte.

De fato, quantas pessoas que oram para tais criaturas auxiliadoras, não se surpreendem acreditando orar à própria Divindade, sem conseguir mais estabelecer a diferença entre elas? Quantos se surpreendem adorando-os, enquanto acreditam estar apenas orando? Esse tipo de idolatria é muito perigosa, porque nasce da nossa sensibilidade, do nosso amor e das nossas virtudes, se não das nossas próprias mentes.

Aproveitando-se dos falsos passos que nossa sensibilidade mal instruída nos faz seguir, o Príncipe das trevas facilmente nos conduz em direção a outros chamados desviados que para ele são bem

conhecidos,. Sob a veneração de nomes transformados em sagrados pelo homem, ele pode preparar, anunciar e operar maravilhas e acontecimentos tão planejados que poderiam enganar os próprios eleitos. Qual a razão, então, para que o Príncipe das trevas se esforce em conferir a tais nomes poderes quase divinos, a não ser pela intenção de esconder, o melhor possível, o nome do verdadeiro Deus, que o impediria de se mover e o relegaria aos abismos? Pois se é verdade que existem fogos que produzem irradiações e nuvens que fazem as imagens dos objetos formarem reflexos aparentes, é ainda mais verdadeira a existência de um fogo vivo que opera no silêncio e oculto como o fogo da natureza, produz sem parar os mesmos objetos, regulares em suas formas e onde parecem desvanecer todas as disformidades.

Certamente, o Príncipe das trevas só pode executar obras inferiores e ilusórias, através do nomes de que se serve. Porém, num grande número de casos distintos, ele tem a capacidade de substituir obras autênticas pelas suas semelhantes com uma analogia doutrinal; fundamentada sobre a nossa perigosa sensibilidade, ilude o coração com uma doçura sedutora e o espírito com maravilhas pela conformidade da missão e a correspondência dos fatos.

Se fôssemos menos imprudentes, essa mesma uniformidade não deveria deslumbrar-nos mais que o normal. Efetivamente, o mesmo agente que influi sobre tais missões, dirige maravilhas animado pelo escopo de deslumbrar-nos ao invés de instruir-nos; também opera sempre sobre as mesmas bases: conhecendo nossas fraquezas e nossa ávida curiosidade (que tomam as tonalidades das nossas verdadeiras necessidades) é natural que obtenha sempre os mesmos resultados.

Na uniformidade dessas profecias e missões pode haver uma semelhança com aquelas sacras. De fato, ambas nos anunciaram os mesmos eventos e mantiveram a mesma linguagem. Tudo isso não elimina a possibilidade de sermos enganados por tonalidades aparentes, e não impede que o erro tenha, como a verdade, uma linguagem assoante e testemunhos uniformes.

Mas existem sinais por meio dos quais podemos nos guardar dos enganos. Basta pensar nos elogios que os agentes dessas diversas missões fazem abundantemente aos que são chamados, estabelecendo promessas sobre os brilhantes papéis que realizarão. Por outro lado, sabemos que os verdadeiros profetas não costumam ser elogiados e que o Homem responsável pela redenção de nossas culpas prometeu aos próprios discípulos somente ultrajes e perseguições.

Um outro sinal revelador do engano pode ser sentido pela divergência entre as missões extraordinárias e o caráter das missões fundamentais do Reparador, que são as únicas sobre as quais se podem modelar todas as outras missões verdadeiras.

As missões mais próximas de nós no tempo, afastam-se do espírito do Reparador ao localizar sobre a Terra um ponto focal para as graças divinas que ele prometeu às Nações e para as quais não estabeleceu nenhum lugar específico, baseado nas palavras que disse a Samaratina. João 4: 21-23:

Vem a hora em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis *ao Pai...... Vem a hora e já chegou em que os verdadeiros adoradores hão de adorar o Pai em espírito e verdade e são esses os adoradores que o Pai deseja.*

As missões afastam-se do espírito do Reparador, quando sujeitam seus agentes à regras humanas e ascéticas, gerando discussões, por não terem sido de fato instituídas pelo Reparador e que sendo fundamentadas somente sobre um caráter convencional e figurativo, oferecem a possibilidade de opiniões relacionadas ao Príncipe oculto e à confusão que ele opera nas próprias missões. Se não são dirigidas pelo Príncipe das trevas, que se serve de normas inconsistentes para sufocar a verdadeira piedade, podem ser orientadas também por entidades que já partiram deste mundo e que estiveram incorporadas em instituições convencionais ou figurativas durante suas vidas terrenas.

Essas, detidas nas regiões inferiores sem terem ainda ascendido às regiões de sua perfeita renovação, podem conservar relações terrenas na ordem da piedade inferior e, nessas relações, saber ensinar doutrinas reduzidas e limitadas - aprendidas sobre a Terra e das quais ainda não tiveram tempo de se separar.

O terceiro sinal revelador a nos manter atentos quanto a um possível aspecto negativo das missões extraordinárias, consiste em analisar o motivo pelo qual as mulheres, dada a sua sensibilidade, são preferidas em relação aos homens, sendo o foco de todos os favores da glória que tais missões prometem a seus agentes para reinarem nessa espécie de império. De fato, Isaías nos esclarece bem nesse ponto quando repreende o povo por *deixar-se dominar pelas mulheres* (3:12).

Para alguns homens, que exercem papéis representativos no âmbito das realizações extraordinárias e de manifestações de força ligadas ao nome da Virgem e de muitas outras criaturas privilegiadas, as mulheres prestam-se em massa a desenvolver a função de anunciadoras e de missionárias, em qualquer lugar que estejam.

Não falo das instituições religiosas que a ignorância, a superstição e a má fé consolidaram sob o amparo de nomes fascinantes, arrastando sem limites o entusiasmo das populações ignorantes. As desarmonias que daí derivam são comparáveis àquelas que derivam de um abuso análogo na ordem das manifestações.

Para convencer-nos, basta deter nossa atenção sobre os princípios aqui já expostos. Antes de mais nada, nós fomos eleitos para sermos sinal e testemunho da Divindade e de mais nenhum outro ser.

Além disso, as Sagradas Escrituras, que são o arquivo fiel dos nossos títulos e do nosso destino, nos dizem do Reparador em Atos 4:12 : *Em nenhum outro há salvação, pois nenhum outro nome foi dado sob o céu aos homens por quem possamos ser salvos.*

Em vão, os defensores de nomes novos e diferentes apoiam-se nas palavras do próprio Reparador, que no Apocalipse 2:17 promete *dar aos vitoriosos o maná sagrado, e uma pedra branca sobre a qual será escrito um novo nome desconhecido a todos exceto aquele que o recebe.*

Tais palavras são dirigidas contra os partidários de nomes novos. Como não se espera que sejam vitoriosos ao oferecer um novo nome, demonstrou-se que a promessa não se refere a esse tipo de manifestação.

Além disso, esses novos nomes são conhecidos por quem os recebe e também por todos aqueles que não os recebem, enquanto o novo nome prometido pelo Reparador não é conhecido de nenhum outro, a não ser pelo que o recebe. Esse mesmo Reparador diz em Apocalipse 3:12 : *Quanto ao vencedor, farei dele uma coluna no templo de meu Deus. E ele nunca sairá fora do templo e escreverei sobre ele o nome de meu Deus e o nome da cidade de meu Deus da nova Jerusalém, aquela que desce do céu de meu Deus, e meu novo nome.*

Essas promessas anunciam ainda que haverá favores para aqueles que aproveitarão os dons já trazidos pelo Reparador. Consequentemente anunciam uma ampliação do nome libertador que ele já nos ensinou. Ora, as manifestações da emotividade impaciente e inconsciente, baseadas num pretenso aumento, no fundo oferecem nomes de criaturas simples que abusam de nós, contradizem os verdadeiros princípios do nosso ser, injuriam as Escrituras e, falsamente, pretendem abolir suas promessas.

Quanto às manifestações e missões que se apresentam sob o nome do próprio Reparador, não só não nos dão o verdadeiro novo nome, como atribuem ao Reparador um papel e uma linguagem onde ele próprio não se reconheceria.

CAPÍTULO VII

O Príncipe das trevas possui o poder funesto, mas verdadeiro, de apoiar suas falsas doutrinas e suas manifestações arbitrárias nos diversos testemunhos das Sagradas Escrituras. Com armas análogas, procurou seduzir o homem Reparador e todos que, à semelhança dos homens superficiais e crédulos, não se alimentam do espírito para se defenderem das ciladas da letra, mostrando-se submetidos mais à tradição do que à lei. Assim, o Príncipe das trevas desvia habilmente nosso pensamento do único ser que devemos adorar, do único ser que deve nos iniciar no seu culto, para que este culto desça sobre seres e nomes inferiores, de quem nos separamos com grande pesar, pois os frutos que nos oferecem são mais fáceis de obter e nos custam somente a adesão passiva, sem análise, orientada pelo impulso do desejo. Dessa forma, ele consegue esconder de nós o humilhante título de *Ecce Homo*, dizendo-nos que as obras de misericórdia do Senhor acrescentam algo ao nosso ser; anunciando-nos, com facilidade, que essas obras de misericórdia se difundem por nosso intermédio; e exaltando aos nossos olhos a grandeza de nossa santidade e o poder de nossas orações. Ele retarda, assim, qualquer ação direta e pessoal voltada verdadeiramente à nossa ressurreição. De fato, o Príncipe das trevas favorece nosso orgulho e ambiciosa sede de elevarmo-nos e resplandecermos somente através das nossas próprias forças. Ele se transforma na *verdadeira e insidiosa figuração da serva* capaz de exaltar o nosso amor próprio, como aquela que seguia São Paulo e não cessava de levar com sua adivinhação grandes vantagens aos seus patrões (Atos 16: 16-17). O Príncipe engana ainda as nações, como enganou os Judeus falando por meio de seus falsos profetas sobre a paz, quando não existia absolutamente nenhuma paz. Enfim, o Príncipe abusa da superficialidade das pessoas, servindo-se dos vários oráculos que surgem em toda parte para anunciar uma pretensa regeneração terrena considerada por muitos como certa e próxima.

Os profetas e apóstolos disseram que a hora e o Reino de Deus estavam próximos, mas o significado de tal fala se refere a uma proximidade no espaço e não no tempo, como se poderia imaginar. Por outro lado, eles não cessavam de repetir que essa hora e esse reino só seriam atingidos por quem os conquistasse com seu próprio sangue. No mais, os profetas abriam os tesouros da esperança para os homens só depois de induzi-los a enfrentar o combate com a mais firme resolução.

Dificilmente um homem conhecerá as doçuras prometidas para o reino futuro sem que tenha se precipitado no cadinho da regeneração e, assim, saído renovado.

O Reparador, que é o próprio Reino, predicava a penitência e prometia paz às almas somente depois que tivessem obtido seu próprio jugo junto a ele. Ao contrário, os profetas modernos, que são simplesmente homens, anunciam a conquista do Reino como algo tão fácil e seguro, que parece ser possível conquistá-lo por isenção ou por uma simples solicitação. Também fazem parecer aceitável que nos apropriemos de iluminações independente do nosso completo sacrifício e do esforço de todo nosso ser.

De qualquer forma, não precisamos temer os oráculos modernos, que encontram semelhanças entre si, como uma ameaça do Príncipe das trevas. Esse, sabe que um dia chegará o reino da glória e, com perspicácia, tenta nos recordar essa verdade para adquirir credibilidade. Ao mesmo tempo, não fala sobre as lutas árduas que antes de tudo precisamos vislumbrar, o que nos impede de atingir aquele reino glorioso do qual ele mesmo nos fala.

Já não se comportava assim no tempo de Jeremias? Lamentações 2:14 : *Teus profetas viram para ti vazio e aparência; não revelaram tua falta para mudar tua sorte, serviram-te oráculos vazios e de sedução.* Assim, ele não governava os Judeus no tempo de Isaías? Como atestam as repreensões que Deus dirige à eles através desse profeta em 30:10 de serem como crianças *que dizem aos videntes: " Não queirais ver " e aos seus profetas: " Não procureis ter visões que nos revelem o que é reto. Dizei-nos antes coisas agradáveis , procurai ter visões ilusórias...."*

Não me surpreenderia se todas essas profecias fossem somente instrumentos de astúcia, adotados pelo nosso inimigo, para retardar o processo de ascensão do homem.

Embora Deus esteja perto de nós, quase todos nós estamos longe de Deus; e operar para nos re-aproximarmos dele é tão fatigante, que quase ninguém consegue tomar esse caminho. Como poderia nossa fé não ser facilmente seduzida por nossa preguiça, quando algumas profecias nos mostram a regeneração sob aspectos menos terrificantes? O inimigo, que tem o objetivo único de retardar nosso caminho, certamente não deixaria de oferecer essa atraente idéia para os que já percorrem caminhos extraordinários. Ao suscitar neles uma doce esperança, ele sabe que a falsa alegria recebida antecipadamente parece dizer aos homens que obterão a verdadeira alegria sem esforço e sem o pesado rigor da privação universal, ou seja, sem o terrível mas salutar sentimento do nosso deplorável estado de *Ecce Homo.*

Naturalmente, é fácil o erro se enraizar na nossa frágil e necessitada humanidade. A sufragar o que sustento, noto ser necessário constatar o quanto para algumas pessoas essas promessas ilusórias animam a coragem e a atividade, para outras têm o efeito contrário. De fato, se a maior parte dos que se abandonam a essa opinião quisesse realmente fazer uma auto-análise, veria o quanto seu entusiasmo se apoia, de um lado, sobre sua preguiça interior, e de outro, sobre a secreta esperança que os tempos felizes chegarão rapidamente e suas culpas pessoais serão aliviadas pelos esforços de todos os escolhidos a se regenerar. Penso que estes seres terão a sensação de serem arrastados pela torrente geral de um grande mar, e creio que a esperança tão sedutora dessa viva felicidade irá adormecer neles a possibilidade de contemplar as duras provas e as terríveis lutas pelas quais cada indivíduo deve passar para conquistar a vitória. Quanto mais a esperança mostra a eles o fim consolador, a que todos nós temos direito de aspirar, mais os difíceis caminhos que os conduzem se ocultam e os induzem a pensar que já chegaram, ao invés de fazê-los percorrer os mais horríveis desertos e de destruir os covis mais perigosos.

Portanto, não é com o objetivo de se maravilharem que esses seres alegram-se contemplando tamanha perspectiva de prazeres, mas ao contrário, seu espírito atrai a alegria antecipadamente e sua alma sente-se como se já possuísse tal alegria.

Mas, se é verdade que podemos obter uma coroa semelhante somente pelo preço do nosso suor e do nosso sangue, é nítido que o espírito que faz tais promessas é um espírito que abusa de nós, buscando nos distrair dos verdadeiros sacrifícios que devemos cumprir. Desse modo, aliviando nossos sacrifícios e trabalhos rumo ao alto, também nos coloca em condição de ver diminuída nossa recompensa no momento de recebê-la. O espírito da sedução adotará todos os meios para criar esse efeito nos seres humanos. E quanto mais tenhamos sofrido e merecido obter nosso verdadeiro prêmio, mais ele estará encerrado e atormentado nos abismos da privação.

O reino dos mil anos citados no Apocalipse, capítulo 20, é a base na qual se apoiam todos que confiam em determinadas promessas. Essas poderiam até se revestir de uma aparência razoável, segundo o texto, se fossem interrompidas no momento certo, determinando-se limites no próprio texto.

Vi então um anjo descer do céu trazendo na mão a chave do abismo e uma grande corrente. Ele agarrou o dragão, a antiga serpente – que é o diabo Satanás – acorrentou-o por mil anos e o atirou dentro do abismo, fechando-o e lacrando-o com um selo para que não seduzisse mais as nações até que os mil anos estivessem terminados. Depois disso, ele deverá ser solto por pouco tempo. Vi então tronos, e aos que neles se sentaram foi dado poder de julgar. Vi também as vidas daqueles que foram decapitados por causa do testemunho de Jesus e da palavra de Deus, e dos que não tinham adorado a besta, nem a sua imagem, e nem recebido a marca sobre a fronte ou na mão: eles voltaram à vida e reinaram com Cristo durante mil anos (20:1-4).

Fica claro, com base nessas palavras, que existem duas regiões distintas para que se cumpram essas diversas promessas. Uma é a Terra visível, que poderá encontrar um pouco de alívio nas suas provações e tentações, durante o período no qual a serpente será acorrentada. A segunda é a região espiritual e invisível do homem terrestre, quando serão reunidos os justos sob o seu chefe divino para julgar os mortos, que ainda não retornaram à vida e não tomaram parte na primeira ressurreição.

Devido àquele estado de alívio passageiro, que a Terra visível irá experimentar, não é necessário que os céus sejam percorridos novamente como um manto comum por que a Terra nunca será devolvida à sua pureza original. E apesar do aprisionamento do seu inimigo, o homem ainda conservará em si mesmo aspectos suficientemente negativos para que o Reino de Deus não se estabeleça por seu intermédio.

O seu alívio será alimentado, no entanto, por aquela assembléia santa e invisível que existirá ainda por mil anos nas regiões superiores àquela em que vive o homem. Por um lado, isso manterá o inimigo no abismo, e por outro, transmitirá mais diretamente aos seres terrestres os raios divinos sob os quais cada coisa será visível. Mas, ao invés dos homens aproveitarem todas essas vantagens, no seu íntimo fermentarão aspirações perversas e, assim, incitarão a cólera divina e se tornarão culpados; tornando-se incapazes, desperdiçarão ainda os últimos auxílios enviados pela misericórdia suprema. Quando o inimigo for libertado das correntes por algum tempo, fará tantas obras de devastação quanto mais os homens houverem estabelecido relações com ele.

Reinará, então, tal estado de desordem, tamanhas injustiças serão derramadas sobre a Terra, que essa conhecerá o fogo do céu enviado por Deus para operar a destruição (20:9). *Vi depois um grande trono branco e aquele que nele se assenta. O céu e a terra fugiram de sua presença, sem deixar vestígios. Vi então os mortos, grandes e pequenos, em pé diante do trono, e abriram-se livros. Também foi aberto outro livro, o da vida. Os mortos foram então julgados conforme sua conduta, a partir do que estava escrito nos livros (20: 11-12). A morte e o inferno foram jogados no tanque de fogo. Essa é a Segunda morte, o tanque de fogo. Todo aquele que não foi encontrado escrito no livro da vida, foi lançado no tanque de fogo (20: 13-15). Enfim, descerá a nova Jerusalém (21: 1-3).*

Todas as tribulações que antecedem as horríveis desordens do fim dos tempos, representam somente o *início dos sofrimentos (Mateus 24)* e portanto não produzirão a destruição do mundo visível.

Representarão, pelo contrário, uma tentativa do amor divino em relação aos homens de, através dos flagelos enviados, persuadi-los à penitência. Em seguida, por um período de mil anos esses flagelos serão suspensos, não somente para que o homem possa trabalhar e voltar ao caminho da justiça, mas também para que perceba uma analogia entre o que já aconteceu na sua história universal e espiritual e o que acontece no plano físico da sua vida.

Antes do dilúvio, as Nações viviam em paz, *os homens tomavam as mulheres e as mulheres tomavam os maridos.* Embora as abominações da raça de Enoc devorassem a Terra tentassem

estabelecer o reino do demônio, a cólera de Deus a destruiu. Ao final da guerra de Antioco e Pompeo, os judeus estiveram em paz durante algum tempo sob o governo de Augusto - época do nascimento do Salvador e da realização de sua missão; mas segundo os profetas, uma época em que os Sacerdotes e Doutores eram somente instrumentos de injustiça, ainda que o povo judeu estivesse a ponto de ser exterminado pelos romanos.

Segundo a ordem física, freqüentemente se nota que as dores e os sofrimentos desaparecerem alguns momentos antes da morte. Isso acontece seja por um enfraquecimento da ação do mal, seja para dar a alma a possibilidade de reconhecer e assegurar a própria sorte na penitência, através da aceitação de um sacrifício livre e voluntário. É provável também, que no momento em que as dores do doente se amenizem, instale-se sobre ele um pequeno *reino dos mil anos*. Ou seja, uma espécie de juízo ou de confronto entre o seu livro da vida e o seu livro da morte. Como a primeira morte particular, esse juízo tem a capacidade de trazer a imagem daquela primeira morte geral que será poderosamente pronunciada no momento do verdadeiro *reino dos mil anos.* Se o homem particular escapa dessa primeira morte preparatória, é provável que a segunda morte parcial – a primeira morte do Apocalipse – não tenha efeito sobre ele.

Os verdadeiros sofrimentos terão lugar quando o inimigo for libertado, devastando a Terra até a destruição, assim como no homem físico as angústias da morte o apanham e destróem depois do intervalo da suspensão momentânea. Ao invés de levarem os homens culpados ao renovamento de si próprios e ao reino da paz, esses sofrimentos os conduzem à espada do juízo final, que tem lugar somente quando as coisas visíveis e materiais são definitivamente abolidas. De resto, somente após decretado o fim do domínio da materialidade, os justos obterão a completa liberação das regiões das aparências, à semelhança do povo judeu, que saiu do Egito ao entardecer (Deuteronomio 16:6).

CAPÍTULO VIII

Ao ressaltar a necessidade de tomarmos precauções quanto às missões extraordinárias dos tempos modernos, não pretendo culpar os agentes que costumam ser utilizados nessas missões. Em sua maioria, essas pessoas possuem virtudes e merecem nosso respeito e estima. Seu exemplo é certamente mais útil do que nocivo para quem busca alimentar a intensidade da sua fé ao invés de simplesmente avançar na luz. Mas como podem ser também perigosos para os que não se limitam a essa sábia medida, acredito ser meu dever prevenir contra as sedutoras maravilhas que os operadores de missões extraordinárias anunciam, assim como mostrar que não é bom confiar cegamente em seus inspiradores.

Independente do que dissemos sobre tais inspirações, não é demais lembrar que o pensamento, a palavra e as obras do homem preenchem e sempre preencherão o Universo de uma infinidade de resultados destinados a conservar seu caráter original. Isso também compôs múltiplas e diversas regiões onde se encontram os idiomas, as iluminações, as descobertas e os verdadeiros conhecimentos que os homens puderam trazer à luz. Porém, aí também se encontram em grande medida, as ilusões, os erros e as hipocrisias que aspectos do ser humano emanam quotidianamente.

Tais irradiações negativas aumentam de tal forma as trevas em torno do indivíduo, que com o passar do tempo, terminam pelo “não ver mais claro”, dos egípcios na hora da libertação do povo de Israel.

Ora, se a chave divina não abrir sozinha a alma dos homens, no momento em que for aberta por alguma outra chave, encontrar-se-á no centro de uma daquelas regiões das trevas e, involuntariamente, passará a absorver sua linguagem. Essa linguagem, por mais que nos pareça extraordinária, pode ser falsa e enganadora; e mais, pode ser uma linguagem verdadeira mas

pronunciada sem o espírito de verdade; consequentemente seus frutos não serão verdadeiramente vantajosos.

Portanto, creio oferecer um conselho salutar aos meus irmãos dizendo-lhes: Homens, meus amigos, desconfiem daquelas alegrias e entusiasmos que vos inspiram as missões dos escolhidos, onde geralmente encontrais amparo benevolente. Porque não estais ainda seguro que esses anúncios lhe darão tanto bem quanto prazer, já que não estais seguro de existir um remédio para ser aplicado às verdadeiras feridas do vosso ser; enfim, não estais seguro que as alegrias que vos prometem e que vos fazem saborear antecipadamente, retardam as alegrias duradouras que poderíeis obter do vosso interior mais profundo.

De resto, se os anunciadores das missões houvessem atingido o repouso sereno de que nos falam, vós ainda não estaríeis prontos para isso. Talvez, pelo contrário, seria funesto para eles e para vós se a hora conclusiva chegasse assim antecipadamente, se vós e eles não houvessem tido a preocupação de se purificarem antes, para não temerem nenhuma das terríveis catástrofes que certamente irão preceder o reino glorioso que vos prometem.

Ouso repeti-lo: permaneceis num estado de prudência, entre os prodígios e as predições que vos circundam; recordai-vos do que diz o Senhor através de Jeremias 23:31-32: *Eis que estou contra os profetas, diz o Senhor, que usam sua língua para dizer: "Eis o que diz o Senhor". Eis que estou contra os profetas que profetizam sonhos mentirosos, diz o Senhor, que os contam e seduzem o meu povo com suas mentiras e seus enganos. Mas Eu não os enviei, não lhes dei ordens, e não são de nenhuma utilidade para este povo, diz o Senhor.*

Para mostrar-vos como os erros desse tipo são destruidores, e como as falsas missões e promessas ilusórias de um reino terrestre glorioso vos engana, aprendei com que preço, aqui na Terra, o homem obtém qualquer iluminação e dá qualquer passo em direção à regeneração.

Depois do pecado, os raios da vossa essência divina foram acorrentados por uma das potências da vossa matéria. Desde aquele instante, os elementos não cessaram de circular em torno de vós e de vos envolver com um grande número de laços que se acumulam e se fecham a medida que gira a roda de vossa vida. As vossas negligências e fraquezas, após o primeiro crime, afundaram ainda mais os raios divinos nas trevas, e aumentaram o horror da vossa prisão. A cada passo que devemos cumprir para aproximar nossa razão da luz, é necessário que uma parte dos obstáculos materiais se desenrolem penosamente sobre nós, como as ataduras de uma ferida se desenrolam dolorosamente, quando precisamos vê-la e medicá-la. É necessário que sobre essa parte dos obstáculos se encontrem impressos os traços da corrupção que vos corrói e infecta. É necessário, então, que se pronuncie em alta voz, aos olhos de tudo aquilo que vos contempla, um juízo severo e rigoroso, e que vós humildemente reconheçais tal justiça.

É necessário que esses obstáculos que vos aprisionam, afastem-se gradualmente e se manifestem na qualidade de outros tantos juízos contra vós. É necessário que a longa serie de obstáculos e juízos estenda-se desde o vosso ser até aquele tempo de paz do qual o pecado vos afastou, pois tal encadeamento determinará a medida dessa distância.

Além disso, é necessário que essa longa cadeia apareça aos vossos olhos, para que tenhais continuamente diante de vós o temível quadro do que custa ao homem os progressos da busca da verdade, para que afrontais o caminho com prudência e confessais que cada passo custa uma dor e uma separação. De fato, o vosso ser hoje é composto da ciência do bem e do mal, e é necessário que vós adoteis a faculdade de discernir entre os diversos campos; é esse o verdadeiro sentido do Deuteronômio 16:3 : *....para que te lembres do dia que saíste da terra do Egito, todos os dias da tua vida.*

Enfim, é necessário que os obstáculos materiais impostos a todos os homens sigam esse caminho, e que todos os juízos merecidos sejam revelados e expostos na universalidade da vida, pois conhecendo o veneno que infecta o indivíduo, as Nações poderão dizer com horror e desprezo: *Ecce Homo.* Só então, o reino glorioso poderá descer até o coração do homem, e esse aspirar à regeneração, sem temor do engano. Somente quando o título de *Ecce Homo* e o juízo que dele deriva, estiverem esculpidos em todas as regiões do universo, a justiça estará completamente satisfeita.

Se, por uma analogia espiritual, o que acontecerá ao homem universal ocorrer a cada um de vós em particular, quem poderá, desde já, iniciar essa ascensão?

Não deveis duvidar: é aquele que não colocou confiança nas vias artificiosas acompanhadas de generalidades. Sentindo em si a dignidade da própria essência, se posicionará em direção à fonte da qual descende, pois somente essa pode gerá-lo novamente. Ele, desconfiado de todas as esperanças que lisonjeiam a sua preguiça e o seu orgulho, não se deixará seduzir pelas imagens e obras que a ignorância e as trevas se esforçam para fazer parecer com o único caminho, a única verdade, e a única vida que não pode ser substituída por ninguém.

Infeliz daquele que se deixar atrair por essas imagens e obras materiais de caráter instável. Pois estará tão angustiado que se sentirá imerso num estado de miséria - e o homem teme essa miséria mais do que a um veneno. Estejais, pois, atentos no momento em que sentirdes essa privação, para não vos dirigir aos falsos deuses, e não dizer como o povo judeu a Jeremia (44:17-18): *continuaremos a fazer tudo o que prometemos: oferecer incenso à rainha do Céu e fazer-lhes libações, como fazíamos nós e nossos pais, nossos reis, e nossos príncipes, nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém: tínhamos, então, fartura de pão, éramos felizes e não víamos a desgraça.*

Mas desde que cessamos de oferecer incenso à rainha do Céu e de fazer-lhes libações, tudo nos faltou e nós perecemos pela espada e pela fome.

Se sujeitai-vos à preguiça de vosso coração, vossas alegrias serão passageiras e terminarão em sofrimentos piedosos, devido a vossas desilusões e a vossa cegueira. E o mesmo Príncipe que vos induziu a esses sofrimentos, vos conduzirá triunfalmente por países distantes para manter-vos em escravidão *numa terra que vós e vossos pais não conhecestes; servireis lá a outros deuses, de dia e de noite, pois eu não usarei mais misericórdia convosco* (Jeremia 16:13). Enquanto, sempre segundo Jeremia (15:19): *Por isso assim disse o Senhor e retornas, eu te faço retornar e estarás diante de mim. Se separas o que é valioso do que é vil, tu serás como a minha boca.*

Quanto a vós, ministros da santa religião que fostes chamados a vigiar sobre o verdadeiro caminho da Aliança - que é o pensamento do homem - se não tomardes o lugar que lhes foi confiado, (*se deixardes Deus sob tendas e não construirdes nenhuma casa depois que ele tirou do Egito os filhos de Israel, baseado nas lamentações que o profeta Natan dirigiu à Davi)* sobre vós cairão diretamente as ameaças desses profetas. Se as missões da ilusão e das trevas têm conseqüências tão terríveis sobre os órgãos instrumentalizados e as almas que arrastam, o que será das verdadeiras missões, convertidas em missões da cobiça, da má fé e do sacrilégio voluntário? Sem dúvida, não poderão elevar a dignidade da vossa pessoa, pois segundo Ezequiel e Malaquias, vós é que deveríeis ser os anjos do Senhor sobre a terra, os sentinelas de seu povo.

A partir do vasto quadro que vos foi oferecido, podeis assegurar que nunca haveis desviado a inteligência das pessoas das fontes instrutivas e confortantes? De jamais haver desejado subjugá-las a uma doutrina humanizada e de interesses? De não haver nunca oferecido aos povos a fé necessária para submeterem-se ao vosso império? De não haver jamais retirado da frente de seus olhos o cetro

vivificante que a sabedoria eterna gerou na Terra - como sol de todos os povos? De não haver jamais construído um gládio temível com o bastão de paz que vos havia sido confiado, para que fossemos governados mais no amor do que na justiça? De jamais haver abandonado o título de pastor quando era necessário instruir vosso rebanho e conduzi-lo ao pasto? E finalmente, de não estar investido desse título somente quando se apresentava a ocasião de abandonar tal rebanho à sorte fatal?

Estais certos que o espírito humano deva se contentar com as respostas que vós dais - quando buscam saber porque não ofereceis mais os dons e as iluminações que alegraram os que vos precederam no tempo? Ora, vós dizeis que todas aquelas coisas eram necessárias para estabelecer a Igreja e que deixaram de ser quando essa foi constituída.

Mas os direitos do nosso ser nos permitem questionar de qual igreja pretendeis falar. Seguramente não se trata da igreja cujo espírito conciliador do Evangelho se viu substituído por furor, sangue e carnificina; certamente não é aquela na qual os ensinamentos de seus fundadores, a quem o *espírito tudo ensinava,* foram transformados em doutrinas obscuras e contraditórias; nem se trata da igreja em que o espírito do Senhor que preserva as almas, deu espaço para a entrada de falsos profetas que fazem essas almas se perderem, assim como os espíritos de Piton, que as infectam.

Os direitos do nosso ser também nos colocam em condição de observar que *vossos fundadores eram admitidos a conhecer os mistérios do Reino de Deus, que curavam os doentes, que preparavam a ceia do Senhor, e que perdoavam os pecados a quem deviam perdoar.*

Ora, por que desses quatro mistérios, haveis conservado somente os dois invisíveis, pelos quais solicitais ainda uma fé cega, enquanto afastais sempre mais dos olhos do nosso corpo e da nossa inteligência, os outros dois dons que eram visíveis, e que longe de serem supérfluos para nossa fé, poderiam ter guiado a fé do povo?

Estais seguros de serem irrepreensíveis aos olhos das nações, afirmando que essas crescem em vossos pastos, enquanto vós diminuís o seu sustento? Ainda sobre as Nações, em relação às santas instituições que haveis conservado, não haveis jamais dado os meios pelo fim, as formas pelos meios, e a tradição pela lei, como repreendia o Reparador aos doutores judeus (Mateus 15)? Não temeis fazer as pessoas adormecerem em um repouso apático? Não temeis haver trabalhado vós mesmos para demolir aquela igreja que nos anunciais como bem consolidada?

No entanto, essa igreja encontra-se hoje constituída, apesar dos danos que sofreu, sem os quais não haveria mediação entre o amor supremo e os pecados da Terra. Assim, nem a força do homem nem o poder do inferno prevalecerão sobre essa igreja. Ela encontra-se constituída apenas para depor, um dia, contra os ministros que não lhe foram fiéis, para servir à eles como voz de juízo e condenação - quando se lamentará perante o tribunal soberano das injúrias que lhe causaram, transformando seus hábitos de glória em hábitos de luto e indigência. Dado que essa igreja terá patrocinado sobre a Terra a causa do amor, o próprio amor defenderá por sua vez a causa dessa igreja perante o juiz eterno, dos quais os seus ministros haverão suscitado os temíveis atos de justiça. Pensai como serão terríveis esses atos de justiça, pois serão aqueles do amor ultrajado e ferido até sua misericórdia.

Se esses juízos futuros vos assustam, se por desgraça deveríeis dirigir a vós mesmos as repreensões das quais falamos, retornem o mais rápido possível aos caminhos do vosso sublime ministério para prevenir sobre os terríveis atos de justiça aos apóstolos da mentira que freqüentemente encontram-se sentados sobre a cátedra da verdade. À eles se dirigia Davi no Salmo 94(93):20: *Pode o trono da destruição ser associado à Ti? Aqueles que talham o mal num estatuto?* À estes se dirigia Sofonias

falando dos crimes de Jerusalém (3:3): *Seus príncipes, em seu seio, são leões que rugem; seus juizes são lobos da estepe que não deixam nada para amanhã.*

Como fizeram aqueles ministros enganadores para atingir tal injustiça? Começaram fechando os olhos sobre a santidade da nossa natureza, que nos chamava a ser os sinais e os testemunhos do Deus da paz do universo. E ainda mais fecharam os olhos sobre a terrível sentença que envolve toda a raça humana no humilhante significado *Ecce Homo.* Portanto não perceberam mais aquele rio de amor sobre o qual havia-lhes estabelecido o seu ministério para saciar as Nações.

Suas inteligência ofuscadas não mais reconheceram as confirmações da verdade reportadas em todas as linhas da Sagrada Escritura. Consequentemente, não podendo explicar as Escrituras com a única e verdadeira chave justa, esforçaram-se em explicar primeiro com a chave falsa da sua ignorância, depois com aquela da ambição e finalmente com aquela das paixões. Os ministros se tornaram assim os exterminadores das nossas inteligências, e segundo Isaias 5:20: *Ao mal chamam de bem e ao bem chamam de mal, transformam as trevas em luz e a luz em trevas, mudam o amargo em doce e o doce em amargo.* Estes sempre segundo o mesmo profeta 5:18, *se apegam a iniquidade, arrastando-a com as cordas da mentira e o pecado com os tirantes de um carro.* Estes *são os opressores que saqueiam o povo.......os teus condutores te desencaminham, baralham as veredas em que deves andar (3:12).*

Em vão, diz Jeremias, *queriam justificar a sua conduta para retornar na graça com o Senhor, porque estes mesmos ensinaram aos outros o mal que fizeram, pois foi encontrado em suas mãos o sangue daqueles que assassinaram.* Estes atacaram a verdade até no seu santuário, que é o pensamento do homem e o verdadeiro depositário ao qual devem responder.

CAPÍTULO IX

Vós homens de paz, homens de desejo, não vos desencorajeis. Ainda existem entre os ministros do nosso Deus, homens que seguem tanto o caminho dos verdadeiros profetas, quanto a santa caridade do nosso mestre e as iluminações de seus discípulos.

Uni vosso destino a esses homens eleitos que responderam fielmente à sua eleição, consistindo nisso sua beatitude. Eles vos conduzirão pelos humildes caminhos de *Ecce Homo*, em direção à regeneração, que é o objetivo do vosso destino de origem.

Longe de conduzir-vos por caminhos de despotismo e tirania, vos dirão que todos temos um cordeiro por mestre e que só nos tornando cordeiros como ele, o mestre nos reconhecerá como seus discípulos e irmãos.

Longe de cavar precipícios de trevas e ignorância diante de vós, esses homens eleitos vos dirão que a alma do homem é feita para abraçar todas as obras geradas pela origem das coisas desde seu seio. Pois, se é verdade que o homem deve ser o testemunho universal de Deus, como poderia se identificar com tal papel sem ter o conhecimento e a visão dos fatos sobre os quais deve depor?

Longe de vos deixar adormecer numa letargia funesta, e de apresentar vosso alto destino como uma empresa fácil de ser cumprida, eles vos mostrarão que podeis ser testemunhos de Deus, quando sereis veraz e confirmados na justiça. Citarão, por exemplo, os tribunais humanos em que as testemunhas devem jurar dizer a verdade, e onde, acima de tudo, não se recebem pessoas difamadas; instrução simples mas profunda, que pode ampliar vossa visão seja sobre vossa natureza primitiva, seja sobre a qualidade de vossos deveres.

Longe de vos delinear a regeneração do homem como algo fácil de alcançar, vos dirão que só obtereis essa regeneração se vosso espírito for alimentado diariamente com o pão da aflição - como os israelitas comiam o pão ázimo na preparação de suas solenidades, e como ensina a seguinte recomendação dirigida aos primeiros cristãos na carta aos Coríntios, I Coríntios (11:26): *Todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciareis a morte do Senhor, até que ele venha.*

Lembrarão ainda que no vosso íntimo mais profundo existe um homem exterior bem mais perigoso e difícil de derrotar que o homem material. Vos dirão que procedereis no caminho da regeneração somente quando sentirdes desprezo contra esse homem exterior, ao invés de murmurar contra vossos semelhantes.

É necessário expor agora uma nova verdade útil e fundamental. Se os homens analisassem sua própria conduta e os murmúrios que dirigem uns aos outros, não exprimiriam mais nenhuma repreensão contra seus semelhantes, que estariam isentos de culpa. De fato, quem nunca cometeu a imprudência de censurar as pessoas que o circundam? E quem pode dizer que essa imprudência não seja a verdadeira fonte das faltas dos que se lamentam e das injustiças que são recebidas? De resto, quem de nós, colocado frente a si mesmo, se considera irrepreensível sob todos os aspectos? Quem atingiu a medida dos dons que lhes foram concedidos e dos deveres que lhes foram impostos, para poder superar todos os obstáculos e, assim, manifestar as virtudes divinas? Quem está tão ligado ao Senhor a ponto de operar na qualidade de seu justo e potente instrumento? Se ainda não alcançamos esse ponto, não devemos censurar aos outros por estarem privados de qualidades, pois nosso dever seria preencher suas deficiências por meio do desenvolvimento de todas as faculdades do nosso ser.

Além disso, se a negligência e a cobiça se tornaram o fundamento dos atos da nossa conduta, devemos imputar a nós mesmos as conseqüências desses atos. Esses males são praticamente universais e, ao invés de declamarmos contra as injustiças, incoerências e ações desagradáveis dos nossos semelhantes, deveríamos bater diariamente no peito, pedir reciprocamente perdão e confessarmos uns aos outros, publicamente, que a causa de todos os erros lamentados por nós, só pode ser atribuída a nós mesmos. Para retornar à ordem da justiça e da verdade, cada palavra de qualquer componente do gênero humano deveria ser sempre uma contínua confissão geral.

Confessai os vossos pecados uns aos outros, dizia Tiago (5:16).

Longe de querer submeter-vos à sua opinião, os verdadeiros ministros de Deus - que ainda existem - procederão sempre no sentido de permitir brilhar a única chama que nos deve guiar. Tomarão, por exemplo, o príncipe dos apóstolos para expressar o que foi dito ao Reparador na montanha santa: *este é meu filho bem amado em quem pus minha afeição, escutai-o;* não queria que nos baseássemos somente nas instruções que ele comunicava, e não temia ao acrescentar: *Assim demos maior crédito ainda à palavra dos profetas, a quem fazeis muito bem em entender, como a uma lâmpada que resplandece nas trevas até despontar o dia e surgir a estrela da manhã em vossos corações. Pois, antes de tudo, deveis saber que nenhuma profecia da Escritura é de interpretação pessoal....* (2ª ep. De Pedro 1:19-20).

Assim, os instrutores vos colocarão em guarda contra todas as manifestações em que agentes particulares se apresentam como necessários para a salvação das almas e a renovação da Terra.

Dessa forma, permanece oculto o vulto do único agente que devemos seguir, aquele que consumou em si mesmo todas as coisas pois todas as profecias sobre regeneração foram expressas em Jesus Cristo, e portanto, não resta outra coisa a cumprir se não as profecias sobre o juízo isto é recompensa e condenação.

Longe de prometer-vos uma paz segura após vossa liberação carnal, os homens eleitos vos chamarão a esse juízo e vos dirão: se não haveis testemunhado a favor da origem humana ou da sua primeira revelação – que iluminou os seres perdidos mais divinamente do que as revelações da natureza e do espírito – sereis obrigados a dar outros testemunhos em favor de todos os vínculos que o amor e a misericórdia fizeram sobreviver (pois mesmo depois do antigo pecado, é vosso dever oferecer a tradução fiel daquele texto original que não haveis lido mais).

Eles vos dirão que sereis julgados com base naquelas primeiras relações com a Divindade; embora as sucessivas alianças possuam também seus testemunhos, e o objeto desses testemunhos é a punição de todos que são legitimamente culpados.

Eis porque a aparição de Moisés e Elias reveste de grande importância e aumenta o peso da condenação dos judeus. Esses dois profetas depuseram sobre dois fatos de que foram testemunhas oculares. Em primeiro, Moisés, pela publicação da Lei e pela promessa do povo de adequar-se a essa. Elias, pela prevaricação do povo infiel e pelos favores distribuídos por parte do céu em favor desse mesmo povo no momento do desespero.

No final dos tempos, esses dois profetas retornarão e estarão ao lado do grande Juiz. De lá trarão seu duplo testemunho: a promulgação da primeira e da segunda Lei, ou das duas alianças, e o abuso que os homens fizeram delas. Ora, como poderão os judeus e todos os outros homens resistir ao duplo testemunho desses dois profetas?

Além disso, os homens terão contra si os testemunhos de todas as manifestações da natureza de que não usufruíram, e que mostram sensivelmente aos homens as maravilhas emanadas do magnífico manifestar-se da vida. Terão contra si as abundantes messes que as Sagradas Escrituras fizeram germinar no ânimo dos justos que as escutaram, analisaram e seguiram. De fato, as Escrituras são uma santa semente que Deus colocou na terra dos homens, ou seja, em suas almas das quais a Sabedoria espera a cada dia a colheita para nitrir-se. Pois a fome dessa Sabedoria aumenta proporcionalmente à privação que a negligência dos homens a fez sofrer. No momento do juízo final, ela rejeitará aqueles que não souberam sustentá-la, opondo a eles o testemunho da colheita que a alma dos justos lhe ofereceu.

Além disso, os homens terão contra si os testemunhos das próprias injustiças de suas colheitas compostas de ilusão e mentira. Assim, tudo que deveria sustentá-los servirá também para condená-los, seja o que procede do próprio homem ou o que virá da natureza, seja o que virá das duas alianças ou o que será o fruto da colheita dos justos.

Não existe nenhum homem, em particular, a quem não possamos dirigir essas terríveis verdades, pois não existe nenhum homem onde essas verdades não possam se realizar.

Portanto, homens imprudentes e displicentes, despertai, tremei e orai para não serem surpreendidos pelo depoimento de tantas testemunhas, assim como das justas reclamações da Sabedoria no momento da colheita. Porque sobre vós ressoará, então, aquele terrível significado de *Ecce Homo*, e não será mais para abrir-vos a porta da penitência. Essa porta já foi aberta por aquele que veio para vos conferir esse nome. Nome que será pronunciado para comprimir-vos sob um severo juízo na profundidade do abismo.

Se não existe um homem onde possam se realizar essas importantes verdades, convencei-vos portanto – homens de paz, homens de desejo - que cada indivíduo nasceu para ser testemunha de todas as outras obras realizadas pela Sabedoria eterna em favor daquele estimado ser que é sua imagem. Convencei-vos que cada um deveria oferecer um testemunho ativo dos dons e dos favores que essa Sabedoria derrama continuamente sobre a Terra; todos nós deveremos depor, ativa e

concretamente, em favor de todas as alianças que Deus contraiu conosco desde a origem das coisas; não devemos protelar em cumprir uma obrigação tão importante. Pelo contrário, devemos temer sair desse mundo antes de termos sido realmente testemunhas dos pactos supremos que esperam nosso depoimento e testemunho efetivo. Devemos temer por não haver satisfeito as condições como podíamos, antes de comparecer a esse tribunal superior, onde se efetua uma relação fiel de todos os testemunhos que foram prestados à eterna generosidade do nosso Deus. Não deixemos de considerar que quando descemos do nosso lugar sublime, arrastamos tudo conosco em nossa funesta e ilusória aparência; consequentemente, estamos sempre em condição de reencontrar tudo se entramos nos caminhos que se seguiram a nossa queda e que não cessam de colocar-se a nossa frente. Não bastaria ao homem Reparador ter trazido para nós o título humilhante de *Ecce Homo*.

Não seriam suficientes todos aqueles tesouros de iluminações e valores que ele abriu para os homens com seus ensinamentos e seu exemplo. Ele teria realizado somente metade do seu escopo - nossa regeneração - se houvesse agido somente sobre a superfície terrestre onde habitamos, e nos laços de forma material.

Mas após ter permitido o sacrifício dessa forma, que é o verdadeiro sinal da nossa prevaricação, e o invólucro do Adão prevaricador, subiu às regiões superiores circundado por uma forma pura; quando confirmou-se a escolha dos apóstolos, no seio daquela forma tão santificada, e lhes foi dado o encargo de acalmar suas ovelhas e difundir a boa nova; quando, enfim, foi enviado do alto do seu trono celeste o Espírito Santo para ensiná-los sobre todas as coisas; e quando se verificou essa pregação por intermédio do dom das línguas, não faltava mais nada ao quadro da história universal da humanidade que o divino Reparador não pudesse expor aos nossos olhos.

Homens, meus irmãos que podeis ler nesse Reparador a história universal do homem, qual agente pode vos ensinar outra coisa? Onde podeis alcançar outros ensinamentos que não tenham sido apresentados por essa fonte? Depois de haver mostrado em sua pessoa a rigorosa condenação que nos obriga a portar, desonrada mas humildemente, o título de *Ecce Homo*, o Reparador finalmente pôde concluir sua obra por inteiro. Ele nos mostrou como, seguindo suas pegadas e os caminhos que nos abriu, podemos estar seguros de ascender novamente em direção às regiões da luz; nesse dia, à nossa chegada nos planos superiores, poderá se dizer de nós gloriosamente aquilo que se disse na nossa origem: *Ecce Homo*. Eis o homem, eis a imagem e semelhança de nosso Deus, eis o sinal e o testemunho do princípio eterno dos seres, eis a manifestação vivente do axioma universal !

FIM



Sociedade das Ciências Antigas